

Revista Adventista

Revista Mensal - Ano 75 - Nº 805 - €1,90

Junho 2014

sábado

Inquietação acerca do dia de repouso. Porquê?

O REPOUSO DE DEUS E O
REPOUSO DO SÁBADO COEXISTEM
TANTO NA ANTIGA COMO NA
NOVA ALIANÇA.



As mensagens dos três anjos

O que proclama o primeiro
anjo?

06



O Cleófas do campo de milho

Conheça melhor um dos
pioneiros.

16



Deus fez algo espantoso

Confiamos de menos no
poder divino.

26

Esperança e Saúde na família

A Ciência do Bom Viver para **pequenos grupos!***



DVD

29 temas

10€

**Promoção especial
de lançamento
5 euros** mais portes

(Válido para o primeiro mês após o lançamento.)

Apresentações em Powerpoint e texto.

*Pode também ser usado em estudo individual, nas famílias, na igreja
e em programas para a comunidade.



A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

editorial

CIÊNCIA E RELIGIÃO

22
Reciclando o "lixo" genético

O progresso da Ciência tem permitido revelar aspetos incríveis da Criação, insuspeitos até há apenas alguns anos.

DEVOCIONAL

30
Através do fogo

Esta é a história de como Deus impôs a Sua vontade no Norte do Peru.

VIDA CRISTÃ

33
Se na família está Jesus... é feliz o lar!

EDITORIAL

04 Os Mandamentos e o Sábado

05 Memo

BÍBLIA

06 As mensagens dos três anjos: O primeiro anjo (1ª parte)

As mensagens proclamadas pelos três anjos representam profeticamente o último convite de Deus à Humanidade, para que os seres humanos tomem posição do Seu lado num Planeta dominado pela rebelião das forças satânicas.

ARTIGO DE FUNDO

10 Inquietação acerca do dia de repouso

O repouso de Deus e o repouso do Sábado coexistem tanto na Antiga como na Nova Aliança.

REFLEXÃO

15 "Este evangelho"

Veza após veza as Escrituras autenticam-se a si mesmas, dando-nos mais razões para confiarmos nelas.

HERANÇA ADVENTISTA

16 O Cleófas do campo de milho

Para ajudar a Causa, ele vendeu a sua quinta por duas vezes e vendeu também um rebanho de ovelhas.

18 Notícias Internacionais

19 Notícias Nacionais

ESPAÇO JUVENIL

21 O presidente e o miúdo

O miúdo disse-lhe: "Soldado, pareces estar triste. Qual é o problema?"

EVANGELISMO

26 Deus fez algo espantoso

Os programas evangelísticos e as técnicas de crescimento de Igreja são ótimos. O único problema é que eles não funcionam sem o poder de Deus.



Os mandamentos e o Sábado

É interessante conhecer o que os não-Adventistas pensam relativamente ao quarto mandamento, o mandamento do Sábado. Em primeiro lugar, a compreensão que eles têm do Sábado radica no modo como os Adventistas e os Judeus tentam explicá-lo e vivê-lo. Ora, nalguns casos, a forma como temos apresentado o Sábado pode deturpar o seu verdadeiro sentido. Assim como os Judeus caíram no extremismo, tornando o dia de Sábado num fardo, em lugar de fazer dele um dia de comunhão e de prazer com Deus, não será que os Adventistas, ao quererem cumprir a vontade de Deus, não poderão cair no mesmo erro? Na verdade, quando temos perante nós uma lei, temos sempre dois caminhos: cumprir ou não cumprir. Se optamos por cumprir, podemos cair ou no legalismo ou no laxismo. Seja como for, a nossa tendência é a de ajustar o cumprimento do mandamento em questão ao nosso interesse, cumpri-lo da forma como melhor nos convém. O grande perigo que corremos está em que, ao tentar fazer a vontade de Deus, estejamos na verdade a desagradar-Lhe. Será que podemos usar e abusar do quarto mandamento, ao ponto de distanciarmos as pessoas do seu cumprimento, em vez de as aproximarmos dele? Usamos muito o chavão “a irmã White diz...”, desvirtuando na prática o verdadeiro sentido do Espírito de Profecia no que toca ao Sábado, bem como não deixando nenhuma margem para quem está a dar os primeiros passos ou para quem está a lutar na sua fé com grandes dificuldades e com tentações diversas. Claro que nenhuma desculpa justificará o pecado. O mais importante é conhecer Jesus como Senhor e Salvador.

A importância da mensagem dos três anjos de Apocalipse 14 e da verdade do Sábado reside no facto de ambos serem pilares na doutrina da Igreja Adventista do Sétimo Dia. São importantes de mais para servirem como pedra de tropeço àqueles que desejam entregar a vida nas mãos do Mestre. Também é verdade que não podemos deixar a determinação da verdade ao desejo de cada um, mas, através do Espírito de Deus, vivamos a verdade sempre com amor e com o espírito de um verdadeiro crente e de um verdadeiro missionário.

Lembremos-nos de que a Lei no Sinai serviu para ajudar um povo que tinha estado cerca de quatrocentos anos distante do seu Deus. Ao dar-lhes a Lei,

Deus desejava demonstrar o amor d'Aquele que os tirou da escravidão do Egito. “Subindo eu ao monte a receber as tábuas de pedra, as tábuas do concerto que o Senhor fizera convosco, então fiquei no monte quarenta dias e quarenta noites; pão não comi, e água não bebi; e o Senhor me deu as duas tábuas de pedra, escritas com o dedo de Deus, aquelas palavras que o Senhor tinha falado convosco no monte, do meio do fogo, estando reunido todo o povo” (Deuteronomio 9:9 e 10). Hoje, todos aqueles que desejam realizar a vontade de Deus na sua vida, têm apenas um caminho: Através do jejum e da oração, devem viver a Lei de Deus no seu íntimo. Quando Moisés desceu do monte, o seu rosto resplandecia. Aqui está o segredo do verdadeiro Sábado: Fazer resplandecer a imagem de Deus na nossa vida. Quando isto acontecer, todos aqueles que nos virem tomarão a mesma decisão: “Vindo, pois Moisés, e contando ao povo todas as palavras do Senhor e todos os estatutos, então o povo respondeu a uma voz, e disseram: todas as palavras que o Senhor tem falado faremos” (Êxodo 24:1-3). “Assim como o Sábado foi o sinal que distinguiu Israel dos restantes povos, também será o sinal que separará o povo de Deus que sai do mundo para entrar no repouso celestial. O Sábado é um sinal do relacionamento entre Deus e o Seu povo, sinal de que este honra a Lei de Deus. É o que distingue entre os fiéis súbditos de Deus e os transgressores” (Ellen White, CI 266.3).

“O Senhor inicia o quarto mandamento com esta expressão: 'Lembra-te do dia de Sábado.' Durante toda a semana cumpre-nos ter em mente o Sábado e fazer a preparação indispensável, a fim de observá-lo conforme o mandamento. Não devemos observá-lo simplesmente como uma questão legal. Devemos compreender as suas relações espirituais com todos os negócios da vida. Todos os que considerarem o Sábado um sinal entre eles e Deus, revelando que Ele é o Deus que os santifica, hão de representar condignamente os princípios de Seu governo. Praticarão dia-a-dia os estatutos de Seu reino, orando continuamente a Deus para que a santificação do Sábado sobre eles repouse. Cada dia terão a companhia de Cristo, e serão um exemplo da Sua perfeição de carácter. Dia-a-dia sua luz refulgirá para outros em boas obras”(Ellen White, CI 267.3). ✦

• Pr. Antônio Rodrigues, presidente da UPASD

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

junho

08 a 13	Formação para Pastores
14	Dia dos Ministérios da Mulher
21	Festival do Hino
23 a 25	Lançamento do Kit de Aconselhamento para o Casal
29/06 a 05/07	Campanha Nacional da ADRA
29/06 a 31/07	Colportagem Jovem

julho

04-06	Acampamento de Estudo e Oração (Jovens)
05	Fim da Campanha da ADRA
06	Dia de Oração e Jejum
11-13	ACNAC Rebentos
20-27	ACNAC Tições
20-27	Programa de Formação em Saúde para Pastores
28-07/08	ACNAC Companheiros
31	Fim da Colportagem Jovem

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

junho

02-06	Associação da Suíça Franco-Italiana (SU)
09-13	Universidade Adventista de Friedensau (EUD)
16-20	União Espanhola (SpU)
23-27	Associação da Transilvânia do Norte
30/06-04/07	Associação do Norte de França (FBU)

julho

07-11	União Suíça (SU)
14-18	Associação da Morávia-Silésia (CSU)
21-25	Hospital Waldfriede (EUD)
28-01/08	Faculdade Vila Aurora (IU)

ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30
ANTENA 1, a partir das 22h47

- 16/06 (segunda-feira)
- 21/07 (segunda-feira)
- 31/07 (quinta-feira)

CAMINHOS

RTP2, às 11h
ANTENA 1, a partir das 06h

- 22/06 (domingo)



SINAIS DOS TEMPOS

"A MAIS EXTRAORDINÁRIA PROFECIA SOBRE JESUS"

O Banco de Leitura deste mês é dedicado à promoção de um interessante número da *Sinais dos Tempos*. Este número tem por título "A mais extraordinária profecia sobre Jesus" e está centrado na interpretação da profecia das 70 semanas e no significado da morte de Jesus na cruz.

A revista abre com um artigo escrito pelo teólogo Atilio Dupertuis, no qual se discute o significado da Cruz. O autor procura responder à pergunta: porque morreu Jesus? Ele esclarece qual foi o propósito da morte de Cristo e qual é a relação que existe entre a Sua morte e a vida de cada um de nós. O artigo seguinte apresenta a informação que a arqueologia nos aporta sobre as agonias da morte de cruz. O célebre arqueólogo Adventista Siegfried Horn expõe, de modo conciso, o que estava implicado na execução da pena de morte por meio da cruz. Este artigo far-nos-á apreciar muito mais o sacrifício de Jesus por nós. O centro deste número da *Sinais dos Tempos* assenta em dois artigos escritos pelo pastor Ernesto Ferreira e que estão relacionados com a profecia das 70 semanas. O primeiro artigo expõe a interpretação Adventista da profecia das 70 semanas do capítulo nono de Daniel. Vale bem a pena ler este artigo com atenção, pois interpreta a mais precisa, exata e impressionante profecia acerca de Jesus, o Messias. Ao terminarmos de ler o artigo de Ernesto Ferreira, a nossa fé na inspiração da Bíblia e na identidade de Jesus como o Messias sairá certamente reforçada. O segundo artigo também aborda a profecia das 70 semanas, mas de um ângulo diferente. Ele mostra como foi interpretada a referida profecia ao longo da história do Cristianismo, tornando claro que a interpretação defendida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia é a mesma que foi sustentada pelos grandes teólogos cristãos de todas as eras. O último artigo deste número da *Sinais dos Tempos*, escrito por William Johnsson, mostra como Jesus, enquanto vencedor sobre a morte, sobressai extraordinariamente em comparação com os gigantes espirituais de todos os séculos. A ressurreição de Jesus coloca-O num escalão à parte, pois, através dela, Deus mostrou que Cristo era, sem dúvida, o divino Salvador da Humanidade.

Este número da *Sinais dos Tempos* inclui ainda duas secções de considerável interesse para se aprofundar o conhecimento da Bíblia. Na secção "A Bíblia ensina", é apresentado um estudo bíblico simples e intuitivo sobre a profecia das 70 semanas de Daniel. Na secção "Linha Aberta, o teólogo Ángel Manuel Rodríguez esclarece bíblicamente qual foi a duração do período de tempo que Jesus passou no sepulcro até à Sua ressurreição na gloriosa manhã do domingo de Páscoa. ✨

Paulo Lima, Redator da Revista Adventista

As Mensagens dos três

O PRIMEIRO ANJO (1ª PARTE)

Em Apocalipse 14:6-13 surgem descritos três anjos que voam pelo meio do céu proclamando ao mundo três urgentes mensagens. Como demonstrámos no primeiro desta série de artigos, estes três arautos angélicos representam, no Apocalipse, a verdadeira Igreja do tempo do fim no desempenho da sua missão mundial de lançar o último apelo divino aos habitantes da Terra. As mensagens proclamadas pelos três anjos representam, profeticamente, o último convite de Deus à Humanidade, para que os seres humanos tomem posição do Seu lado num Planeta dominado pela rebelião das forças satânicas (cf. Apocalipse 13). Assim, o claro propósito da advertência dos três anjos descritos em Apocalipse 14 é o de preparar os habitantes da Terra para a Segunda Vinda de Cristo (cf. Apocalipse 14:14-20).

Como deixámos escrito no nosso primeiro artigo, nesta série de artigos iremos proceder a uma interpretação detalhada da perícopos dos três anjos, procurando determinar o sentido referencial dos seus símbolos e identificar his-

toricamente o movimento eclesial que os três anjos representam. No presente artigo vamos procurar interpretar a primeira parte da mensagem do primeiro anjo.

Este primeiro anjo proclama a toda a Humanidade o Evangelho

eterno e difunde uma mensagem sobre a vinda iminente do Juízo e sobre o dever de se adorar o Deus Criador. O texto grego pode ser traduzido do seguinte modo: “E vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para evangelizar os que estão sentados sobre a Terra e a toda a nação e tribo e língua e povo, dizendo com grande voz: ‘Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é vinda a hora do seu juízo, e adorai o que fez o céu e a terra e o mar e as fontes de água’” (Apocalipse 14:6 e 7).

Um Evangelho eterno

O primeiro dos três anjos, que são os protagonistas da perícopos de Apocalipse 14:6-13, é apresentado como sendo um “outro” anjo. A palavra grega *allos* significa sempre um “outro” ente, que deve ser distinguido de um primeiro ente, mas que pertence à mesma espécie.

gens s anjos



Neste caso, *allos* indica que o anjo de Apocalipse 14:6 é diferente dos anjos que apareceram nas cenas anteriores do livro de João. Assim, este primeiro anjo de Apocalipse 14 deve ser distinguido do seu imediato predecessor, o anjo da sétimo trombeta (Apocalipse 11:15).

O primeiro anjo de Apocalipse 14:6 voa pelo meio do céu, no zênite, o ponto mais alto da abóbada celeste. Nesta posição, ele pode ser visto e ouvido por todos os habitantes da Terra. Assim, a posição deste anjo simboliza bem a universalidade da mensagem que proclama. É uma mensagem que deve ser anunciada a todo o mundo. Ela é dirigida a todos os povos da Terra.

A mensagem que o primeiro anjo proclama é designada como sendo “um evangelho eterno” (Apocalipse 14:6). O conceito de “evangelho eterno” não se encontra em mais parte alguma do Novo Testamento. Esta é também a única menção ao termo “evangelho” (*euangelion*) no livro de Apocalipse e nos restantes livros de João. Qual é o sentido do termo “evangelho” no nosso texto? No grego secular do tempo de João, “evangelho” (*euangelion*) sig-

nificava literalmente “boas-novas”. Por vezes, este termo assumia um caráter semântico especial, designando as “boas-novas de vitória” que chegavam da frente de batalha. Alguns exegetas sustentam que, dado que não se apresenta no texto grego com o artigo definido, o termo “evangelho” não se refere aqui à mensagem de boas-novas proclamada pela Igreja Cristã. No entanto, podemos apresentar as seguintes razões que mostram que este “evangelho” proclamado pelo anjo é, efetivamente, o Evangelho sobre Cristo proclamado pela Igreja Cristã. Primeiro, em Romanos 1:1 Paulo faz menção ao “evangelho” e também não usa o artigo definido. No entanto, é claríssimo que Paulo tem em mente o Evangelho sobre Jesus Cristo proclamado pela Igreja. Segundo, o facto de o “evangelho” ser designado como sendo “eterno” – isto é, enraizado no caráter e no propósito imutável de Deus – e o facto de ele dever ser proclamado a todas as nações mostra que deve ser o Evangelho sobre Cristo proclamado ao mundo pela Igreja Cristã. Terceiro, o facto de João utilizar o verbo “evangelizar”

(*euangelizô*) para designar o modo como é anunciado o “evangelho eterno” pelo anjo confere uma força especial ao uso do termo “evangelho”, o que mostra que está a ser utilizado no sentido técnico que lhe conferia a Igreja Cristã Apostólica.

Devemos notar que o anjo anuncia um Evangelho que é “eterno”. O adjetivo “eterno” (*aiônios*) que caracteriza o Evangelho proclamado pelo primeiro anjo ocorre apenas aqui no Apocalipse. O termo *aiônios* designa, em grego, aquilo que excede a duração do Tempo. Por que razão o Evangelho anunciado pelo anjo é caracterizado como sendo “eterno”? Ele é eterno porque partilha a natureza intemporal do próprio Deus eterno que o envia, e porque expõe o propósito eterno de Deus para a Humanidade. Ao afirmar-se o caráter eterno do Evangelho, são sublinhadas a sua validade permanente e a sua imutabilidade. O Evangelho também é “eterno” porque anuncia a forma de se obter a salvação, de modo a ingressar-se na eterna era vindoura. Assim, ao designar o Evangelho anunciado pelo primeiro anjo como sendo “eterno”, João

indica a sua universalidade no tempo, do mesmo modo que, mais adiante, indicará a sua universalidade no espaço, ao referir todos os habitantes da Terra como sendo os seus potenciais recetores.

Note-se que o primeiro anjo proclama a sua mensagem usando expressões próprias da pregação evangélica dos primeiros missionários cristãos, que apelavam aos pagãos para abandonarem os ídolos e se converterem ao Deus Criador (Apocalipse 14:7 – veja-se Atos 14:5; I Tessalonicenses 1:5, 9; Atos 17:24; Romanos 1:19 e 20). Assim, ao referir-se ao “evangelho eterno” proclamado pelo primeiro anjo, João supõe que os leitores e os ouvintes do seu livro entenderão que essa expressão se refere ao rico conteúdo da pregação da Igreja Cristã. O conteúdo do “evangelho eterno” é aqui dado por assumido. Portanto, o “evangelho eterno” anunciado pelo primeiro anjo é a boa-nova acerca do “mistério eterno” sobre Cristo (Romanos 16:25; Colossenses 1:26; Efésios 3:9; cf. Efésios 6:19), que começou a ser pregada pela Igreja Apostólica e que deverá ainda ser proclamada pela verdadeira Igreja de Deus no tempo do fim. É um Evangelho eterno porque a mensagem evangélica a proclamar no tempo do fim não é diferente do Evangelho pregado desde o início da história da Igreja Cristã. É a boa-nova acerca de Cristo, do Seu ministério, da Sua morte na cruz, da Sua ressurreição, da Sua ascensão ao Céu e da Sua entronização no trono do Universo. É também a boa-nova acerca da intercessão de Cristo no santuário celeste, do Juízo final e do iminente regresso de Cristo à Terra, para vir buscar o Seu povo. Aliás, dado que este “evangelho eterno” é proclamado no horizonte do anúncio da iminência do Juízo final (cf. Apocalipse 14:7), ele não pode deixar de ser também a

boa-nova de que todos os pecadores podem ser justificados pela fé em Cristo e podem receber a Sua justiça, sendo declarados justos quando os seus nomes comparecerem perante o tribunal celeste. Jesus afirmara, no Seu discurso escatológico, que a proclamação do Evangelho a todo o mundo seria um sinal do fim dos tempos (Mateus 24:14; Marcos 13:10). A atividade simbólica do primeiro anjo corresponde à realização histórica, no tempo do fim, desta profecia de Cristo. O Evangelho eterno é proclamado a todo o mundo antes da conclusão do Juízo final, para que todos possam tomar uma decisão por Cristo ou contra Cristo.

De facto, o “evangelho eterno” é proclamado pelo primeiro anjo a todos os que estão “sentados sobre a terra” (*kathêmenous epi tês gês*). Note-se que esta expressão é diferente de uma outra expressão usada por João para designar os que “habitam sobre a Terra” (*katoikountes epi tês gês*). No Apocalipse, os que “habitam sobre a terra” são os seguidores da besta, cujos nomes não estão escritos no Livro da Vida (Apocalipse 13:8; 17:8), que adoram a besta (Apocalipse 13:12, 14) e que se opõem a Deus (Apocalipse 11:10). Portanto, os ouvintes que são o alvo da proclamação do primeiro anjo – que se “assentam sobre a terra” – não estão necessariamente comprometidos com a adoração do dragão e da besta. Eles são os membros integrantes de “toda a nação e tribo e língua e povo”. Com efeito, esta última expressão é usada em dois sentidos no Apocalipse. Em primeiro lugar, é usada para designar a população da terra que adere à adoração da besta e que é governada por Babilónia (Apocalipse 11:9; 13:7; 17:15). Em segundo lugar, é usada para designar a população da Terra que deve receber a mensagem do Evangelho (Apocalipse 10:11). Como

resultado da pregação do Evangelho eterno, os justos salvos que se converteram provêm de toda a nação e tribo e língua e povo (Apocalipse 5:9; 7:9). São os membros salvos destas nações que trazem a sua glória e a sua honra para a Nova Jerusalém (Apocalipse 21:24, 26). Portanto, ao dirigir-se a todos os que estão “sentados sobre a terra”, provenientes de “toda a nação e tribo e língua e povo”, o primeiro anjo está a dirigir-se aos adoradores da besta, mas também àqueles que ainda não se comprometeram com a besta e que poderão aceitar a soberania do Deus Criador, que o anjo anuncia (Apocalipse 14:7). Dirigindo-se aos povos de toda a Terra com a mensagem do Evangelho eterno, o primeiro anjo deixa patente a universalidade da boa-nova que anuncia. Este Evangelho não é apenas temporalmente eterno, é também espacialmente universal. A mensagem do primeiro anjo é uma mensagem mundial.

Temer a Deus e dar-Lhe glória

Além de proclamar o Evangelho eterno, o primeiro anjo tem uma mensagem específica para comunicar ao mundo no tempo do fim. Esta mensagem é anunciada pelo anjo, “com grande voz” (Apocalipse 14:7). Note-se que os anjos, no Apocalipse, proclamam sempre as suas mensagens com “grande voz”, o que revela a importância destas (Apocalipse 5:2; 7:2; 10:3; 14:15; 19:17). O primeiro anjo comunica a sua mensagem com grande voz para que todos os habitantes da Terra a possam ouvir, pois trata-se de um solene apelo destinado a despertar a consciência dos seres humanos. O anjo apela à Humanidade para que tema a Deus e Lhe dê glória. Por que razão o anjo lança este apelo aos seres humanos? Este apelo é lançado para que possa haver uma mudança de atitude entre os homens que ain-

da não reconhecem o Deus Criador como o único ente digno de adoração. Portanto, este apelo do primeiro anjo destinado à Humanidade é um apelo à conversão e este apelo à conversão é, por sua vez, uma consequência direta da proclamação do Evangelho eterno.

A noção “temor do Senhor” ou “temor de Deus” é uma concepção encontrada frequentemente no Velho Testamento e refere-se à reverência, ao respeito e à veneração que os seres humanos devem ter perante Deus, o seu Criador. É esta reverência que leva os homens a obedecerem aos mandamentos divinos (Jeremias 32:40; Salmo 111:10). O temor de Deus denota a existência de uma relação íntima com Deus e uma total rendição à Sua vontade (Salmo 40:3; Jeremias 32:39). Ele está associado à atitude de levar a vontade de Deus a sério, obedecendo-se aos Seus mandamentos (Deuteronómio 6:2; 8:6; 13:11; 17:12; Eclesiastes 12:13). De facto, temer a Deus e obedecer aos Seus mandamentos são atitudes que ocorrem simultaneamente (Deuteronómio 5:29; Jeremias 44:10). Ser guiado pelo temor do Senhor leva sempre o homem a agir retamente (Êxodo 18:21; Levítico 19:14) e a evitar o mal (Job 1:1, 8; Provérbios 3:7; 8:13; 16:6). Os servos de Deus são frequentemente descritos como sendo aqueles que temem a Deus (Gênesis 22:12; Salmo 22:23). Assim, o conceito “temor do Senhor” ou “temor de Deus” é frequentemente usado como significando a posse da verdadeira fé (Salmo 34:11). O apelo a temer-se a Deus é frequente no Velho Testamento (Deuteronómio 31:12; Salmo 34:11; Isaías 11:3) e o Novo Testamento também requer este comportamento da parte do fiel (II Coríntios 5:11; Filipenses 2:12; I Pedro 1:17). Na verdade, ao apelar aos seres humanos do tem-

po do fim para que temam a Deus, o primeiro anjo está a apelar à sua conversão. Eles devem juntar-se ao povo de Deus. De facto, no Apocalipse, o povo de Deus é descrito como sendo constituído por aqueles que temem a Deus (Apocalipse 11:18; 15:4; 19:5) e que guardam os Seus mandamentos (Apocalipse 12:17; 14:12). A posse do temor de Deus é importante porque é o princípio da vida moral que nos prepara para o Juízo que o primeiro anjo anuncia (Eclesiastes 12:13 e 14. Cf. Apocalipse 14:7).

O anjo também apela à Humanidade para que renda glória a Deus. Render glória a Deus é render-Lhe o respeito e a honra que Lhe são devidos e resulta de se temer a Deus, obedecendo-se ao Criador através da observância dos Seus mandamentos. Quando alguém teme a Deus, essa pessoa vive uma vida de obediência que glorifica Deus. O apelo para se render glória a Deus é frequente tanto no Velho Testamento (I Crónicas 16:24; Salmo 22:23; Isaías 24:15; 42:12; Jeremias 13:16) como no Novo Testamento (Lucas 1:46; Romanos 15:6; I Pedro 2:12). Segundo a Bíblia, o dever mais exaltado do homem é glorificar e louvar Deus no culto (I Coríntios 6:20; 10:31). Devemos ainda notar que, no Apocalipse, dar glória a Deus é também o resultado e a manifestação do verdadeiro arrependimento que leva à conversão (Apocalipse 16:9; cf. Apocalipse 11:13). Portanto, ao pedir aos homens que deem glória a Deus, o anjo está realmente a apelar à sua conversão.

Podemos agora compreender o sentido do primeiro apelo que o primeiro anjo dirige aos habitantes da Terra: Eles devem temer a Deus e dar-Lhe glória, porque esta é a resposta adequada à oferta de Salvação que Deus faz à Humanidade através da proclamação angélica do Evan-

gelho eterno. Esta atitude de se temer a Deus e de se Lhe dar glória deve expressar-se concretamente na adoração do Criador (cf. Apocalipse 14:7). Deste modo, a proclamação do primeiro anjo opõe-se à proclamação da besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro, que ordena que toda a Humanidade adore a besta que subiu do mar (Apocalipse 13:11 e 12).

Conclusão

Interpretámos até aqui a primeira parte da mensagem proclamada pelo primeiro anjo de Apocalipse 14. Identificámos esta parte inicial da mensagem como sendo, primeiro, o Evangelho eterno que difunde a boa-nova sobre Jesus a todo o mundo e, depois, o apelo para que a Humanidade se converta, temendo a Deus e dando-Lhe glória.

No próximo artigo iremos continuar a interpretar a mensagem do primeiro anjo, dedicando algum espaço a compreender o seu anúncio de um Juízo iminente e o seu apelo para que a Humanidade adore o Deus Criador. Uma vez terminada a exegese da primeira mensagem angélica, iremos proceder à identificação histórica do primeiro anjo. Procuraremos, assim, determinar que movimento eclesial na história do Cristianismo é simbolizado pelo primeiro anjo de Apocalipse 14. De facto, a partir dos dados obtidos pela prévia exegese da primeira mensagem angélica, e tendo em consideração os dados cronológicos a que chegámos no primeiro artigo desta série, estaremos em condições de identificar historicamente qual o movimento eclesial ou qual a Igreja que corresponde ao primeiro anjo de Apocalipse 14. Este será o principal objetivo do nosso próximo artigo. 🍀

• **Paulo Lima**

Redator da *Revista Adventista*

Inquietação acerca do dia de repouso

Há alguns anos, a minha mulher, Cindy, e eu fomos testemunhas do abandono da Igreja Adventista do Sétimo Dia por parte de um grande número de amigos nossos. Eles tinham passado a acreditar que ser Adventista era incompatível com ser um Cristão da nova aliança. Um punhado de pastores proeminentes também deixaram a Igreja, avançando o mesmo argumento: Que alguns dos ensinamentos da Igreja Adventista desmereciam a Cruz de Cristo.

Os nossos amigos focavam-se no Sábado. Eles diziam que a observância do Sábado própria da “velha Aliança” tinha sido cumprida em Cristo – que nós já não tínhamos que descansar no Sábado, porque agora descansávamos em Cristo. A questão, diziam eles, não era o facto de o Sábado ter sido transferido para o domingo. Eles reconheciam que não existe suporte bíblico para defender que a sacralidade de o Sábado foi transferida para o domingo. Em vez disso, diziam eles, o repouso sabático tinha sido cumprido pelo repouso proveniente da nossa salvação em Cristo.

A ideia de que o Sábado de algum modo retirava glória à Cruz de Cristo surpreendia-me e desafiava-me. Eu sabia que a nossa salvação estava apenas em Cristo. Eu certamente não via o descanso e o repouso no Sábado como con-

tribuindo de algum modo para a minha salvação, do mesmo modo que não é a obediência das minhas filhas que me levava a amá-las. Tal como no que diz respeito aos outros mandamentos de Deus, eu via o ato de repousar no Sábado simplesmente como parte da vida de fé. Como poderia o facto de descansarmos dos nossos labores – e deixar os outros descansar dos seus – ser uma ameaça para a Cruz?

É verdade que alguns Adventistas têm posto uma ênfase excessiva no Sábado, como se nós o tivéssemos inventado. Às vezes a nossa teologia tem falhado o alvo redondamente. Uma vez, participei numa Escola Sabatina em que o dinamizador colocou a questão: “É possível que alguém que não guarda o Sábado se salve?” Levantando a minha mão, eu disse: “Eu penso que é possível que alguém que guarde o Sábado se salve!”

Provavelmente, não deveria ter dito aquilo, mas ficara frustrado com a atitude de que guardar o Sábado contribui para a nossa salvação. Não contribui. Não mais do que a oração, o estudo da Bíblia, viver com integridade, ou ajudar crianças mal-tratadas contribuem para a nossa salvação. Nós somos salvos apenas pelo trabalho acabado de Cristo.

Tragicamente, às vezes, não temos sido claros acerca disto. A minha avó morreu recentemente e, aparentemente, ela morreu preocupada. Este é um estado de alma terrível de se ter – a ideia de que temos que ser suficientemente bons. Nenhum de nós é *suficientemente bom*. “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Efésios 2:8).

Uma das razões pelas quais fui afetado pelas questões que os meus amigos levantavam foi a fé renovada que vi em muitos deles. Eles mostravam ter uma fome maior pela Palavra de Deus. Enquanto, antes, alguns deles pareciam algo ambivalentes no que tocava ao estudo da Bíblia e à Igreja em geral, agora eles estudavam a Palavra de Deus com um apetite voraz. Muitos deles estavam cheios de louvores a Cristo, de um modo que não tinham experimentado antes.



Reexaminando o Sábado

Eu levei a sério estas novas questões e quis estudar de novo o Sábado por mim mesmo – especialmente os textos bíblicos que os meus amigos citavam. Claro está, eu já estava familiarizado com as passagens que apoiavam a prática do Sábado, por exemplo, em Génesis, Deus descansou no sétimo dia e, em Êxodo, Deus escreveu com o Seu próprio dedo o mandamento para se descansar no Sábado.

Vale a pena fazer notar que o próprio mandamento do Sábado não faz referência à adoração em si mesma; o seu foco é o de descansarmos dos nossos trabalhos. Às vezes, definimos incorretamente a guarda do Sábado como sendo equivalente à ida à igreja. O próprio mandamento do Sábado é primeiramente acerca de repousarmos dos nossos trabalhos – e deixarmos os outros repousarem

também. Pelo que o oposto da guarda do Sábado não é guardar o domingo. O oposto do Sábado é não descansar – nem deixar descansar os outros.

Assim sendo, que lugar tem a adoração a ver com o repouso do Sábado? Tem um lugar importante: A *Torah* fala acerca da assembleia sagrada e o próprio Jesus modelou o Sábado como um dia de repouso e de adoração. O facto de os relatos dos Evangelhos, escritos muitos anos após a ressurreição de Jesus, ainda incluírem tanto material sobre a relação de Jesus com o Sábado – incluindo a Sua afirmação de que o Sábado foi feito para a Humanidade – é um forte argumento a favor da permanência do Sábado. De facto, um historiador eclesiástico do século quinto, chamado Sócrates, escreveu: “Quase todas as igrejas por todo o mundo celebram os mistérios sagrados no Sábado de

cada semana; no entanto, os Cristãos de Alexandria e de Roma, por causa de alguma tradição antiga, cessaram de o fazer.”¹ Portanto, séculos depois de Cristo, ainda vemos Cristãos a observarem o Sábado, embora alguns tenham abandonado o Sábado, em parte para se distanciarem dos Judeus.

No entanto, alguns textos do Novo Testamento, vistos superficialmente, parecem apresentar um desafio à guarda do Sábado depois da Cruz. Três textos em particular são citados pelos críticos da guarda do Sábado: Romanos 14:1-6; Gálatas 4:8-10 e Colossenses 2:13-17. Apenas em Colossenses 2 é realmente usada a palavra “Sábado”. Mas, vejamos cada uma destas passagens.

Dieta e dias

A carta aos Romanos foi escrita, simultaneamente, para Cris-

tãos de origem judia e de origem gentia. Em Romanos 14:1-4, vemos duas categorias de pessoas: aquelas que comem de tudo e aquelas que comem apenas vegetais. A pessoa que come de tudo (nomeadamente, carne) é considerada como tendo uma forte fé, enquanto aquele que come apenas vegetais é considerado mais fraco na fé (versículo 2). Alguns comentadores têm interpretado estas menções à comida como fazendo referência às leis alimentares judias – como se aqueles que comiam apenas vegetais estivessem ainda a seguir a lei de Moisés e fossem, por isso, fracos na fé.

O problema com esta interpretação é que os Judeus não comiam apenas vegetais; eles também comiam carne. Portanto, as leis alimentares judias não parecem estar aqui em questão; de facto, a palavra “imundo”, no versículo 14, não significa “impuro”, indicando uma lei alimentar judia; simplesmente significa “comum”.

Assim sendo, que tipo de controvérsia sobre a alimentação existia então? Em lugares como I Coríntios 10 lemos sobre se os crentes deveriam comer carne sacrificada aos ídolos. Alguns crentes sentiam-se desconfortáveis com isto; outros não se incomodavam, porque sabiam que os ídolos nada eram. Paulo aconselhou as pessoas a fazerem uso do seu próprio juízo. Este é, provavelmente, o caso em Romanos 14 – os fortes na fé são capazes de lidar com o ato de se comer alimentos sacrificados aos ídolos, mas outros são mais sensíveis quanto a isso.

Em Romanos 14:5 e 6, vemos mais duas categorias de pessoas: aquelas que consideravam um dia mais sagrado do que as outras, e aquelas que consideravam todos os dias iguais. De novo, alguns comentadores têm indicado que

aqui se trata de dias santos judeus, incluindo o Sábado, concluindo que agora já não faziam diferença. É interessante que Paulo dedica muito menos tempo ao tópico dos dias do que ao tópico da comida. Ele dedica 21 versículos à comida, enquanto gasta apenas cerca de dois versículos com a questão dos dias. Parece ser altamente duvidoso que algo tão importante como o Sábado fosse despachado de modo tão casual.

Em vez disso, o verdadeiro assunto concernente aos dias era provavelmente relacionado com a comida – tratava-se do jejum. Os Cristãos romanos acreditavam que certos dias eram melhores para jejuar. Um documento desta época recomenda jejuar às quartas e sextas-feiras, em vez de se jejuar às segundas e quintas-feiras. Esta questão é equivalente à questão moderna sobre quando é o melhor tempo para a devoção – logo de manhã cedo, ou noutra altura. Sobre estas questões inconsequentes, diz-nos Paulo, que cada pessoa seja convencida pelo seu próprio juízo.

Dias especiais

A segunda passagem no Novo Testamento que, considerada superficialmente, parece pôr em causa a validade da observância do Sábado é Gálatas 4:8-11. O livro de Gálatas, claro está, foi destinado primeiramente a Cristãos de origem gentia.

A frase “dias, e meses, e tempos, e anos” (versículo 10) pode ser entendida em, pelo menos, dois modos. O primeiro é que estes períodos de tempo se referem ao calendário pagão que os Gálatas, que antes eram pagãos, costumavam seguir. A frase “como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres” (versículo 9) significa, provavelmente, o regresso a

observâncias pagãs centradas nos elementos do cosmos.

A segunda interpretação é a de que os Gálatas agora sentiam-se obrigados a observar todos os dias santos do calendário judeu – incitados pelos judaizantes que tinham infiltrado a igreja. De facto, o contexto lato da epístola aos Gálatas é a circuncisão e a Lei.

Seja qual for a interpretação correta, o que é importante lembrar é que Gálatas é um livro sobre justificação – sobre ser-se salvo. Gálatas 5:4 diz: “Separados estais de Cristo, vós, os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído.” Nós somos justificados apenas por Cristo, não por alguma observância ou comportamento. O próprio Paulo observava o Sábado. Mas nós não dependemos disto para a nossa salvação, a qual vem apenas através de Cristo.

Luas novas e dias de Sábado

Para muitas pessoas, o texto mais desafiador sobre o Sábado encontra-se em Colossenses 2:16 e 17: “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é Cristo.”

À superfície, esta passagem parece desafiar a perpetuidade do Sábado, agrupando-o com as festas judias e com as luas novas – e designando-os a todos como sendo mera “sombra”. Note-se a aparente progressão, no versículo 16, dos dias de festa (anuais), das luas novas (mensais) e dos sábados (semanais) – e a etiqueta de “sombra” que parece ser aplicada a estes dias.

Frequentemente, temos interpretado este versículo, dizendo: “Bem, *não pode ser* o Sábado sema-

nal, porque o Sábado semanal não era uma sombra das coisas a vir; é um memorial da Criação.” O teólogo Adventista Ron du Preez construiu recentemente um argumento forte no sentido de que o termo plural “sábados” nesta passagem é, de facto, outro termo para dias de festa.² Isto parece estranho, porque o versículo significaria então “dias de festa, luas novas, e dias de festa”. Mas Ron du Preez cita o que se chama uma estrutura quiástica, usada frequentemente pelos escritores hebreus. Um quiasmo é criado por se começar com algo, depois passar a outra coisa, e então regressar à primeira coisa – ABBA.

Ron du Preez leva-nos a Oseias 2:11, que diz: “E farei cessar todo o seu gozo, as suas festas, as suas luas novas e os seus sábados – todas as suas festividades.” Vê o quiasmo? As festas e os sábados são ambos chamados “festividades”. O Sábado semanal não era uma festividade, pelo que, aparentemente, a expressão “sábados” nesta sequência refere-se a algumas das festas anuais. Talvez seja isto que se passa também em Colossenses 2, onde encontramos um fraseado similar.

Consistente com esta observação derivada de Oseias é o facto suplementar de que, sempre que encontramos a sequência de festas, luas novas e sábados no Velho Testamento, é quase sempre no interior de um contexto particular: O contexto dos *sacrifícios*.

Ezequiel 45:17, por exemplo, diz: “E estarão a cargo do príncipe os holocaustos, e as ofertas de manjares, e as libações, nas festas, e nas luas novas e nos sábados, em todas as solenidades da casa de Israel.” Note como esta passagem usa termos similares à passagem de Colossenses 2: manjares, libações, festas, luas novas, sábados. O contexto é o dos sacrifícios.

Assim sendo, o que podia querer Paulo dizer pelo termo “sombras” em Colossenses 2:17? A maioria dos eruditos argumenta que a “sombra” são as festas, as luas novas e os sábados. O problema com isto é que a lua nova não podia ser uma “sombra”, porque uma lua nova não tinha significado religioso em si mesma. A única significação da lua nova estava na sua associação com sacrifícios. Portanto, a sombra tem de ter algo a haver com o que todos estes dias particulares têm em comum: Os sacrifícios *oferecidos* neles.

Por esta altura, alguns Cristãos de origem judaica ainda ofereciam sacrifícios e julgavam negativamente os outros Cristãos que não o faziam. (O próprio Paulo experimentou isto em Atos 21, quando regressou a Jerusalém.)

É possível que a peça do *puzzle* em falta aqui seja o termo “sacrifícios”? É possível que seja sobre isso que a passagem esteja a falar? Existe apoio escriturístico para a ideia de que “sombra” se refere a sacrifícios? Sim. Um forte apoio. As outras duas únicas menções a “sombra” estão associadas com sacrifícios. Elas encontram-se na Epístola aos Hebreus.

Hebreus 8:3-5: “Porque todo o sumo-sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios. [...] Os quais servem de exemplar e *sombra* das coisas celestiais.”

Hebreus 10:1-5: “Porque tendo a lei a *sombra* dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios, que continuamente se oferecem, cada ano, poderá aperfeiçoar os que a eles se chegam. [...] Pelo que entrando no mundo, [Cristo] diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste.”

Portanto, começamos a ver um tema aqui: sombras como sacrifícios, em contraste com o corpo



de Cristo – a substância. Tanto Colossenses como Hebreus ensinam que a era dos sacrifícios está terminada. Eles eram sombras de algo melhor que viria: O corpo de Cristo.

Resta um descanso sabático

Vejam uma outra menção da palavra “Sábado” – uma menção que nos chega com grande paz e gentileza.

Hebreus 4:1-10 é, por vezes, mal compreendido. Os Adventistas têm usado esta passagem para dizer que o escritor está a argumentar que o dia de Sábado ainda permanece válido – como se houvesse uma controvérsia sobre isso. Mas, na verdade, o escritor não usa a palavra grega típica para “Sábado”; ele usa um termo grego peculiar, *sabbatismos*, que significa um “repouso semelhante ao Sábado”.

O escritor está a dizer que um repouso semelhante ao Sábado permanece para o povo de Deus. Este é o nosso repouso na salvação, repousando em Deus. O escritor compara o nosso repouso de salvação com o nosso repouso do Sábado. Pense nisto: Se o Sábado já não fosse guardado, por que ra-

ção usaria o escritor o termo *sabbatismos*, “repouso semelhante ao sábado”? Em vez de estar à defesa ou preocupado, o escritor usa a palavra familiar “Sábado” para explicar o repouso em Deus.

Ele diz que este repouso em Deus permanece desde o tempo de Israel no deserto. Isto significa que tanto o repouso em Deus como o repouso do Sábado coexistiam na velha Aliança – e ambos continuam a coexistir na nova Aliança. O repouso do Sábado e o repouso na salvação dada por Deus persistem ambos.

Judeo-Cristãos

Assim, o que aconteceu realmente com o Sábado? Por que razão a maioria dos Cristãos já não o observa? Eu li a obra *Why the Jews Rejected Jesus* (Por que razão os Judeus rejeitaram Jesus), de David Klinghoffer. O autor – um Judeu – faz notar que os Judeus rejeitaram o Cristianismo, em parte, porque os Cristãos rejeitaram, gradualmente, a *Torah*, que era tão importante para o povo judeu. Uma das coisas mais importantes que os Cristãos acabaram por por menorizar foi o Sábado, em parte para se distanciarem do povo ju-

deu. Era um período de forte antissemitismo.

Mesmo considerando todas as nossas falhas – e temos muitas – uma das coisas mais belas da Igreja Adventista do Sétimo Dia é a de que ela é verdadeiramente Judeo-Cristã. Nós celebramos a salvação apenas em Cristo, tal como está ensinado no Novo Testamento. Nós também celebramos a nossa herança nos mandamentos intemporais escritos pelo dedo de Deus em tábuas de pedra. Esta é a nova Aliança: Leis escritas não apenas em pedra, mas também no nosso coração.

Uma das experiências mais especiais da minha vida foi estar em Jerusalém, ao entardecer de sexta-feira, à medida que pessoas de origem judia afluíam à Cidade Velha, mão na mão, prontas para acolherem o Sábado. Muitos Cristãos estavam lá nesse entardecer, absorvendo a bela cena. Mas, para mim, como Cristão Adventista do Sétimo Dia, havia algo de especial. O Sábado era-me familiar e ele era bom! ♡

• Andy Nash

1. Sócrates, *Ecclesiastical History*, livro 5, cap. 22, p. 289.
2. Ron du Preez, *Judging the Sabbath: Discovering What Can't Be Found in Colossians 2:16*, Berrien Springs, Mich., Andrews University Press, 2008.

“Este evangelho”

Vez após vez as Escrituras autenticam-se a si mesmas, dando-nos mais razões para confiarmos nelas, mesmo naquelas partes que apresentam uma realidade que ultrapassa os estreitos parâmetros que uma mundividência racionalista, própria do século XXI, permite.

O texto em questão é tão familiar que nós frequentemente passamos por alto a poderosa validação da fé que ele apresenta. Falando com os Seus discípulos alguns dias antes da Sua crucificação, Jesus apresentou-lhes os eventos mundiais que conduziriam à Segunda Vinda. No meio desse discurso, Ele diz-lhes: “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim” (Mateus 24:14).

Lendo o texto hoje – quando o Cristianismo possui mais aderentes do que qualquer outra fé e está presente em quase todos os países –, podemos facilmente esquecer como esta predição foi ousada, mesmo arriscada, quando foi enunciada e, também, quando foi registada no Evangelho de Mateus.

Para começar, quando Jesus realizou esta predição, qual era o estatuto “deste evangelho”, não em termos de ser espalhado por “todo o mundo”, mas simplesmente em termos de ser compreendido? Nessa data, quem, a não ser a Trindade, conhecia o Plano da Salvação? Mesmo aqueles que podiam ter uma intuição sobre aquilo para que apontavam os sacrifícios no Templo seguramente não estavam à espera de um Messias crucificado e ressurreto. Um poderoso argumento em favor da ressurreição de Jesus é o facto de que ninguém poderia ter engendrado a história da ressurrei-

ção, porque ninguém esperava um Messias crucificado e ressurreto, especialmente um Messias que morreria para expiar os pecados do mundo. Mesmo depois de Jesus ter dado aos Seus seguidores mais 40 dias de instrução, alguns perguntaram, antes da Sua ascensão: “Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?” (Atos 1:6), o que mostra que “este evangelho” não era plenamente compreendido por aqueles que Ele chamara para o espalhar.

Além disso, quantos eram crentes em Jesus quando Ele disse, pela primeira vez, aquelas palavras? Talvez alguns milhares de Judeus espalhados pela nação judia e alguns Gentios dispersos, um número insignificante em contraste com os milhões que compunham a população do mundo. Quando Jesus fez aquela predição, Judas ainda não O tinha traído, nem tinha Ele ainda encarado a reação dos Seus seguidores à Sua prisão: “Então, deixando-o, todos fugiram” (Marcos 14:50). Dificilmente seria este um começo auspicioso para um movimento cuja mensagem deveria ser proclamada mundialmente. Para além de ter de suportar a cólera e a oposição de outros Judeus, a Igreja Primitiva iria em breve ser odiada, caçada e perseguida por Roma, o maior poder que o mundo tinha visto até então. Nos séculos que se seguiram, o Império tentou erradicar esta seita judia.

Quando Roma não conseguiu erradicar o Cristianismo, adotou-o oficialmente, e “este evangelho”, com algumas exceções, praticamente desapareceu durante mais de um milénio. Durante a Reforma Protestante, “este evangelho” foi redescoberto. Mas foram necessários mais alguns séculos até que os grandes movimentos missionários comesçassem a espalhá-lo mundialmente. Hoje, o Cristianismo é a maior religião mundial e os seus aderentes podem ser encontrados em quase todos os países. Os Adventistas do Sétimo Dia estão estabelecidos em 209 dos 233 países reconhecidos pelas Nações Unidas, tornando a respetiva Igreja na denominação Protestante mais espalhada no mundo. E embora muitas áreas permaneçam por evangelizar, com a tecnologia de hoje não é difícil imaginar que “este evangelho” possa ser proclamado em toda a parte muito em breve.

Portanto, Jesus fez uma extraordinária predição que, embora tenha levado séculos a cumprir-se, está a tornar-se verdadeira. Nós temos o privilégio de ver esta predição prestes a ser realizada, quando anteriores gerações de Cristãos tiveram que a aceitar apenas com base num grande ato de fé. Assim, a todas as outras razões sólidas para crermos em Jesus, podemos adicionar Mateus 24:14 como uma poderosa prova para as mentes racionais do século XXI a propósito de verdades que estão muito para além da própria racionalidade. ✍

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual da Escola Sabatina

O Cleófas do campo de milho

Durante muitos anos após o Desapontamento, tantos quantos a sua saúde permitiu, Hiram Edson explorou novas verdades, fez sacrifícios para as publicar e viajou para as disseminar. No início da década de 50 do século XIX, ele acompanhou Joseph Bates, John Andrews, John Loughborough e outros ministros do Evangelho, buscando incansavelmente pessoas interessadas, cobrindo centenas de quilômetros, muitas vezes a pé, com frequência no inverno. Durante o verão, ele aplicava-se na agricultura para pagar as despesas. Para ajudar a Causa, ele vendeu a sua quinta por duas vezes e vendeu também um rebanho de ovelhas. Quando envelheceu, foram-lhe atribuídas credenciais de ministro do Evangelho. Morreu em 1882.¹

Mas estamos a adiantar-nos na nossa história. A primeira esposa de Edson morreu em 1839, quando ele tinha 32 anos. Para encontrar uma nova mãe para os seus três filhos pequenos, ele trouxe outra Sra. Edson para a sua quinta, situada perto de Port Gibson, New York. Em 1843, a mensagem do Advento chegou a Rochester, a 60 quilômetros de distância. Em breve espalhou-se até atingir Port Gibson. Edson, que nessa data era Metodista, aceitou-a durante uma série de reuniões evangelísticas.

Na mesma noite em que estas reuniões terminaram, Edson foi impressionado pelo que lhe pareceu ser uma voz audível, a qual lhe disse que fosse a casa de um vizinho moribundo e o curasse no nome do Senhor. Isto perturbou-o, pois ele pensava que os milagres de cura tinham terminado nos tempos bíblicos. No entanto,

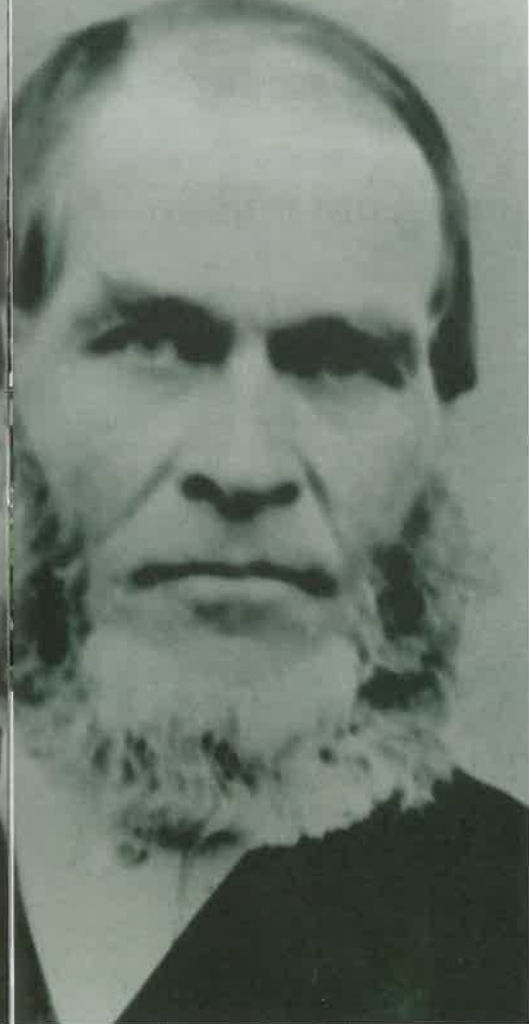
sendo incapaz de afastar a convicção que sentia, ele entrou na casa do seu amigo já ao fim da noite. Edson caminhou à luz da vela até à cabeceira da cama, impôs as mãos no homem doente e disse: “Irmão, o Senhor Jesus cura-te.” Para grande alegria de Edson, o homem sentou-se imediatamente, afastou os cobertores, virou os pés para a beira da cama e começou a caminhar no quarto, louvando a Deus. O resto da família também se levantou e louvou Deus.²

Nessa mesma noite, Edson ouviu uma voz dizendo-lhe: “Vai contar a verdade [do Advento] aos teus vizinhos e companheiros.” Ele sentiu ser ainda mais duro testemunhar do que ajudar a curar! Ele debateu-se com aquela impressão durante dias. Mas, quando, finalmente, se rendeu, descobriu, como William Miller, que Deus podia realmente fazer bom uso dele. Vi-

sitou os lares durante os dias, ajudou nas reuniões à noite e em breve viu trezentos ou quatrocentos dos seus vizinhos e companheiros aceitarem Jesus e juntarem-se ao movimento do Advento.

Estando assim ocupado, ele e a sua família chegaram à data de 22 de outubro. À medida que este dia fatal cedia lugar à noite, e o impiedoso tiquetaque do relógio avisava que o tempo estava a esgotar-se, podemos estar seguros de que eles e os amigos que se lhes tinham juntado para a ocasião reviram as provas que suportavam a sua fé: Os 2300 dias, que se estendiam do outono de 457 a.C. até ao outono de 1844; o reavivamento do Advento como cumprimento das mensagens do primeiro e do segundo anjos; o “tempo de demora” após o desapontamento da primavera e o “Clamor da meia-noite” na reunião campal em agosto; e, especialmente, a clara exposição de Samuel Snow sobre a purificação do santuário à luz do Dia da Expição.

Hoje – diziam eles a si mesmos –, 22 de outubro, o “décimo dia do sétimo mês”, Jesus estava a terminar a Sua obra final de Expição no Lugar Santíssimo do santuário celestial e, sem dúvida, iria ainda deixar esse lugar para vir à Terra abençoar o Seu povo expectante.



“Nós esperávamos confiantemente ver Jesus Cristo e todos os santos anjos com Ele”, Edson escreveu mais tarde, “e que a Sua voz viesse chamar Abraão, Isaque e Jacob, e todos os nobre crentes da Antiguidade, bem como os nossos queridos amigos que nos tinham sido arrancados pela morte... As nossas expectativas eram elevadas e, assim, nós aguardámos a vinda do Senhor, até que o relógio bateu as doze badaladas da meia-noite.”

À medida que o relógio anunciava a hora, a família e os amigos de Edson, como todos os Milleritas, contaram as badaladas com o coração desfalecido. Quando mais nada podia ser ouvido senão o ritmo lúgubre do constante tiquetaque, eles tomaram consciência de que “o dia tinha passado” e “o seu desapontamento tornou-se numa certeza”. Edson escreveu: “As nossas mais acarinhadas

esperanças foram destruídas, e veio sobre nós um tal espírito de choro como nunca tínhamos experimentado... Nós chorámos e chorámos, até que o dia amanheceu.”

Mas, à medida que as horas continuavam a passar, a mente de Edson reviu o modo como Deus o tinha abençoado desde que ele tinha aceitado a esperança do Advento. Ele tinha recebido o poder de curar em nome de Cristo; ele tinha visto centenas de vidas transformadas para melhor; ele tinha gozado uma paz maravilhosa. A sua confiança começou a retornar. “Vamos ao celeiro”, disse ele aos homens que estavam ainda na sua casa. E assim, no cinzento frio daquele alvorecer de fins de outubro, um grupo de homens comuns, perplexos, mas ainda lutando para crer, entraram no celeiro, fecharam a porta e ajoelharam-se para orar. “Continuámos em fervorosa oração até que nos foi dado o testemunho do Espírito de que a nossa oração fora aceite e de que nos seria dada luz, o nosso desapontamento seria explicado e tudo se tornaria claro e satisfatório.”

Nenhuma explicação veio naquele exato momento; mas despontou no coração deles a certeza de que Deus é amor e de que, embora eles não compreendessem o que tinha acontecido, Ele iria explicar tudo um dia.

Sentindo-se melhor, eles retornaram à cozinha e tomaram o pequeno-almoço. Edson sugeriu a um dos seus amigos, O. R. L. Crosier, que visitassem alguns dos vizinhos Milleritas que eles tinham ajudado a ganhar para Cristo, de modo a que os pudessem encorajar com a sua nova confiança. Talvez para poupar tempo, eles tomaram um atalho que atravessava um campo de milho por colher.

Enquanto passavam pelo campo de milho, diz-nos Edson, “eu fui detido mais ou menos a meio

do campo. O Céu pareceu estar aberto à minha vista e eu vi, distinta e claramente, que, em vez de o nosso Sumo-Sacerdote sair do Lugar Santíssimo para vir à Terra [em 22 de outubro], ... Ele tinha entrado pela primeira vez nesse dia na segunda divisão daquele santuário; e que Ele tinha uma obra a desempenhar no Lugar Santíssimo antes de vir à Terra.”

Algo tão simples. No entanto, esta visão situa-se entre os momentos mais dramáticos na história da religião. Abraão era apenas um criador de gado nómada quando Deus o chamou para ser o pai do Seu povo escolhido. Daniel recebeu o seu chamado especial quando era um jovem cativo numa terra estrangeira. Jesus era um rabino itinerante numa remota província romana quando a Sua morte salvou o mundo. Cleófas era um discípulo quase desconhecido quando Cristo lhe transmitiu ensinamentos bíblicos que conduziram à fundação da Igreja Cristã. E Hiram Edson, o “Cleófas Adventista do campo de milho”, era um lavrador de New York – e um leigo devoto, estudante da Bíblia e ganhador de almas – quando Deus lhe deu uma compreensão do ministério celestial de Cristo que era absolutamente nova na História da teologia cristã. Num sentido muito especial, a Igreja Adventista do Sétimo Dia nasceu nesse momento, naquele campo de milho, enquanto um lavrador contemplava Cristo. ✨

• **C. Mervyn Maxwell**

Professor de História da Igreja

1. A informação sobre Hiram Edson é baseada, em parte, num fragmento de manuscrito não datado e sem título escrito por Hiram Edson, que está depositado na Biblioteca James White da Universidade de Andrews, e, em parte, noutros materiais reunidos e analisados por James Nix no seu trabalho “The Life and Work of Hiram Edson”, trabalho de investigação, Universidade de Andrews, 1971.
2. P. Z. Kinne para F. E. Bowen, 21 de janeiro de 1930, in W. A. Spicer, *Pioneer Days of the Advent Movement*, Washington, DC: Review and Herald Pub. Ass., 1941, pp. 219 e 220.

A oferta do 13º Sábado faz história ao superar um milhão de dólares

ANN/RA

Robert E. Lemon, o Tesoureiro da Conferência Geral, anunciou aos delegados presentes na reunião de primavera do Conselho da Conferência Geral que a oferta do 13º Sábado do último trimestre de 2013 excedeu a marca de um milhão de dólares, pela primeira vez na história da Igreja Adventista. Esta oferta irá estabelecer novas congregações e apoiar formas inovadoras de evangelismo na Europa, incluindo centros de evangelização na Grécia e na Macedónia.

Robert E. Lemon anunciou também que o dízimo recebido na Divisão Norte-Americana

referente a 2013 aumentou 1,7% em relação ao ano de 2012 e totalizou 949 milhões de dólares. O dízimo das restantes Divisões mundiais aumentou 3,6%, tendo totalizado mais de um bilião e quatrocentos milhões de dólares.

As ofertas missionárias provenientes da Divisão Norte-Americana também cresceram, totalizando 22 milhões de dólares, enquanto as ofertas missionárias provenientes das restantes Divisões aumentaram 6%, tendo atingido 64 milhões de dólares. “Apesar da recessão e da lenta recuperação económica dos Esta-

dos Unidos, as economias da maioria dos países do mundo mantiveram-se estáveis, o que se refletiu na subida do dízimo e das ofertas provenientes desses países”, disse Robert E. Lemon.

Entretanto, a sede mundial da Igreja Adventista continua a operar abaixo do seu limite orçamental, que é determinado pelo Comité Executivo. Em 2013, a sede poupou 7 milhões de dólares do montante que estava orçamentado.

Os delegados também concordaram com várias alocações de verbas, recomendadas pelo Comité de Planeamento Estra-

tégico e Orçamental: (1) 1,6 milhões de dólares para custear iniciativas de saúde e educação na União do Médio Oriente e do Norte de África; (2) 600 000 dólares para a Divisão Sul da Ásia-Pacífico e, para cobrir o lançamento do canal televisivo *Hope Channel* da Indonésia; (3) 650 000 dólares para centros de educação teológica na Divisão Norte da Ásia-Pacífico; (4) 8 milhões para o canal televisivo *Hope Channel*, de modo a aumentar o seu alcance até 2020; (5) 2,8 milhões para financiar as 13 Divisões da Igreja e a União do Médio Oriente e do Norte de África.

Embaixador australiano louva a contribuição Adventista nos setores da saúde e da educação

ANN/RA

Kim Beazley, o embaixador da Austrália nos Estados Unidos, visitou a sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia no dia 10 de abril, reafirmando o compromisso da Austrália na defesa da liberdade de consciência e descrevendo o crescente apoio financeiro do seu país à educação privada. Beazley afirmou que “há uma sensação maravilhosa de paz e de propósito que emana deste edifício e das pessoas que nele trabalham. É evidente que isso provém da experiência que todos, neste lugar, tiveram aos pés da Cruz”.

O embaixador disse que embora a Austrália seja uma sociedade maioritariamente secular, o seu governo financia escolas privadas, incluindo escolas de matriz religiosa. Beazley também disse que as instituições religiosas são as mais confiáveis na distribuição de auxílio humanitário, especialmente através de iniciativas de promoção da saúde e da educação. Ele destacou a ação Adventista neste tipo de atividades.

Os líderes da Igreja Adventista do Sétimo dia agradeceram a Beazley a liberdade reli-

giosa que existe na Austrália e o financiamento estatal das escolas privadas. “Queremos que saiba que os Adventistas do Sétimo Dia estão empenhados em erigir a estrutura das sociedades em que se encontram e estamos profundamente gratos pelo facto de a Austrália garantir a existência de plena liberdade religiosa”, disse Ted N. Wilson, Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A Igreja Adventista na Austrália tem mais de 58 000 membros e possui cerca de 50 escolas primárias e secundá-

rias, bem como a Faculdade de Avondale. A Igreja também é proprietária da empresa *Sanitarium Health and Wellbeing*, que produz a famosa marca de cereais australiana *Weet-bix*.

A sede da Igreja Adventista e a Associação Internacional de Liberdade Religiosa recebem periodicamente diplomatas para fortalecerem relações institucionais que promovam a liberdade religiosa. Em 2013 foram recebidos na sede diplomatas de Cuba, das ilhas Fiji, da Roménia, da Suíça e da Zâmbia.

Reunião do Conselho sobre Evangelismo e Testemunho

ANN/RA

Durante o Conselho sobre Evangelismo e Testemunho, realizado na reunião de primavera do Conselho da Conferência Geral, os princi-

pais líderes regionais receberam informação sobre evangelismo urbano e sobre métodos criativos de evangelismo.

Durante uma sessão de in-

formação liderada por Mike Ryan, vice-presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e por David Trim, Diretor do Departamento de Arquivos, Estatísticas e Investigação da Conferência Geral, vários presidentes de Divisão apresentaram relatórios sobre a evolução da iniciativa *Missão nas Cidades*. Trim fez notar que existem 396

pessoas para cada Adventista a nível mundial. Mas o *ratio* sobe para um Adventista para 547 pessoas nas regiões urbanas do Planeta. Algumas cidades com um milhão ou mais de habitantes estão muito pior, enquanto outras, como Lusaka, na Zâmbia, estão melhor. No caso de Lusaka, verifica-se o melhor *ratio* existente entre as cidades

com mais de um milhão de habitantes: o *ratio* é de um Adventista para 19 pessoas. Paul Ratsara, Presidente da Divisão do Sul da África e Oceano Índico, que supervisiona a Zâmbia, afirmou que a chave do sucesso evangelístico deste país reside na promoção dos pequenos grupos.

A Divisão da América do Sul, sob a liderança do Presidente

Erton Kohler, tem uma abordagem semelhante. O objetivo da região é implantar uma igreja Adventista em cada um dos cerca de 7000 bairros das suas grandes cidades. Atualmente existem 2000 igrejas Adventistas já estabelecidas nesses bairros.

Na Europa, a Igreja Adventista está a focar-se em Genebra.

Embora a cidade não seja muito grande, ela é influente aos olhos da comunidade internacional. Segundo Bruno Vertallier, Presidente da Divisão Inter-Europeia, há atualmente uma equipa de jovens Adventistas a trabalhar em Genebra. Esta equipa já plantou uma nova igreja, frequentada por 60 novos crentes.

Na Coreia, um número cres-

cente de igrejas Adventistas está a lançar restaurantes vegetarianos, de modo a estabelecerem centros de influência onde se possa conversar sobre saúde, bem-estar e espiritualidade. Segundo Jairong Lee, Presidente da Divisão Norte da Ásia-Pacífico, este é um dos principais métodos de evangelismo urbano da sua Divisão.

A Divisão Inter-Americana celebra o impacto da evangelização das grandes cidades

ANN/RA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia na Divisão Inter-Americana celebrou o impacto da evangelização das grandes cidades do seu território com um programa transmitido ao vivo a partir da Arena da Cidade do México no dia 12 de abril. Este evento marcou o culminar de milhares de campanhas evangelísticas realizadas por todo o território da Divisão Inter-Americana. Estes milhares de campanhas evangelísticas resultaram do trabalho de milhares de pastores e de leigos, que passaram o ano de 2013 a difundir o Evangelho nas suas comunidades. Designada *Visão Um Milhão*, esta iniciativa focou-se na evangelização das grandes cidades espalhadas pelas 22 regiões em que se divide a

Divisão Inter-Americana. O objetivo da iniciativa *Visão Um Milhão* é capacitar um milhão de membros de igreja para se tornarem verdadeiros discípulos e verdadeiras testemunhas de Jesus, de modo a que cada um destes membros treinados traga um novo membro para a igreja durante o quinquénio de 2010 a 2015.

Cerca de 18 000 membros de igreja encheram a Arena da Cidade do México para acompanharem o programa. Tendo uma duração de duas horas, ele foi transmitido através do *Hope Channel*, da *Esperanza TV*, da *3ABN* e da *3ABN Latino*. O programa incluiu uma cerimónia batismal e atuações musicais. Ted. N. Wilson, o Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, foi o orador

principal durante o programa, tendo louvado o trabalho dos pastores e dos membros de igreja realizado nas múltiplas campanhas de evangelismo.

Entre as campanhas evangelísticas realizadas em toda a Divisão Inter-Americana destacou-se a campanha *Impacto México 2014*. Para tomarem parte nesta campanha, cerca de 100 pastores e evangelistas da América Central, das Caraíbas, das Antilhas Francesas, da Colômbia, da Venezuela, do Canadá e da Inglaterra viajaram para o México. Foram realizadas mais de 6400 campanhas evangelísticas por todo o país, 200 das quais na capital, a Cidade do México. Estes milhares de campanhas geraram mais de 28 300 novos membros.

“Estamos contentes por testemunharmos este progresso e continuaremos a trabalhar para evangelizar as cidades do nosso território. Sabemos que o evangelismo das grandes cidades não é tão fácil nem produz tantos resultados como a evangelização das áreas rurais. Temos que estabelecer centros de influência e implementar iniciativas especiais para alcançar os pós-modernos nas grandes cidades. Estamos a trabalhar para reacender o fogo do entusiasmo pela conversão das almas no nosso território, apelando aos nossos pastores para não abrandarem na perseguição do objetivo de alcançarem mais almas para o Reino”, disse Israel Leito, Presidente da Divisão Inter-Americana.

NOTÍCIAS NACIONAIS

Distribuição do livro missionário de 2014 em Portugal

Ad7news/RA

No Sábado 12 de abril do corrente ano a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal realizou a distribuição em massa do livro missionário de 2014.

Intitulado *Para Além da Imaginação*, este pequeno livro, ilustrado com fotografias a cores, foi adquirido em grande número (200 000) pelos Adventistas portugueses para

ser oferecido às pessoas do seu círculo de influência e para ser disperso por Portugal.

Na manhã do Sábado 12 de abril foi pregado um sermão especial, transmitido para todas as igrejas portuguesas pela Internet a partir da igreja de Setúbal, sendo o pregador o pastor Wilmar Hirle. O sermão desafiou os membros a colaborarem na distribuição do livro.



SETÚBAL
Eric Ljber7



AVEIRO



ALVALADE



GRUPO DE EXPRESSÃO RUSSA



SERPINS



O pastor Hirle, Diretor-Associado do Departamento de Publicações da Conferência Geral, veio propositadamente a Portugal para participar no programa do livro missionário.

Depois do almoço, os membros de todas as igrejas Adventistas em Portugal saíram para as ruas das suas localidades. Crianças, jovens, adultos e seniores juntaram forças para disseminar os livros em mais de 100 localidades diferentes.

Animados pelo lema da União Portuguesa para 2014 – “Um Crente, Um Missionário” –, os Adventistas portugueses serviram-se de várias estratégias para colocar o livro missionário nas mãos dos seus concidadãos. Desde distribuir o livro junto de semáforos até colocá-lo nas caixas de correio, vários foram os métodos empregues para levar o livro missionário aos Portugueses. A maioria das igrejas realizou o trabalho em menos de duas horas.

Muitas crianças e muitos jovens foram para as ruas fardados com o uniforme dos Desbravadores. Depois da distribuição, foram realizadas reuniões de testemunho e de partilha de experiências nas igrejas. Realizado o trabalho, resta aguardar pelos resultados que surgirão como efeito da ação do Espírito Santo sobre aqueles que receberam o livro. “Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás” (Eclesiastes 11:1). 🌊

Atribuição de credenciais aos professores Adventistas

📌 **Tiago Alves**

Professores Adventistas veem o seu trabalho de docência reconhecido pela Igreja nacional, aos lhes ser atribuída uma credencial que atesta o seu compromisso de entrega e cooperação no ensino. Foi durante a Convenção de Educação de 2014 que teve lugar uma cerimónia de atribuição de credenciais denominacionais aos professores Adventistas envolvidos e comprometidos com o Ministério do ensino da Igreja.

Movidos pelo importante reconhecimento do valor, da entrega e da missão existentes na prática docente e seguindo o protocolo e o processo instituído pelo Departamento de Educação da Conferência Geral, a União Portuguesa, através do seu presidente, Pr. António Rodrigues, e do seu Diretor do Departamento de Educação, Tiago Alves, voltou a atribuir credenciais que tinham sido previamente votadas pelo Conselho Diretor da UPASD. Foram atribuídas as credenciais de Professor Autorizado I e Professor Autorizado II a vários profes-

sores da Rede Escolar ASD. Estes professores tiveram a oportunidade de reassumir o seu compromisso com a missão de “Educar para a Eternidade” e por eles foi feita uma oração de dedicação e súplica ao Senhor. Foram ainda atribuídas as credenciais de Professor Emérito a alguns docentes que durante décadas se entregaram a este Ministério, marcando gerações e contribuindo para o crescimento e para a unidade do movimento Adventista em Portugal. A estes professores, já reformados, a UPASD agradeceu e entregou uma credencial que reconhece uma vida de serviço, mas procura também servir de estímulo a quem no momento presente abraça este enorme e complexo desafio.

Toda a comunidade Adventista é desafiada a orar pelo trabalho diário destes professores, intercedendo junto de Deus para que muitas mais crianças, jovens e famílias conheçam o Criador e Salvador das suas vidas. A Educação Adventista é, sem sombra de dúvida, uma estratégia



uma bênção divinas. Apoie este braço do evangelismo. Conheça, acredite e envolva-se na Obra da Redenção/Educação. 🌊

O PRESIDENTE E O MIÚDO

Durante a Guerra Civil Americana, um jovem soldado do exército da União perdeu tanto o seu irmão mais velho como o seu pai na batalha de Gettysburg. O soldado decidiu ir até Washington, D. C., para pedir uma audiência ao Presidente Lincoln. Ele tinha pensado pedir dispensa do serviço militar, de modo a que pudesse voltar para a quinta da família e ajudar a sua irmã e a sua mãe no cultivo da terra.

Quando ele chegou a Washington, dirigiu-se à Casa Branca. Ao aproximar-se do portão principal, pediu para ver o Presidente. O guarda de serviço disse-lhe: “Tu não podes ver o Presidente, jovem! O Presidente é um homem muito ocupado! Portanto, vai-te embora! Volta para a linha da frente, pois é aí que deves estar.”

Assim, o jovem soldado foi-se embora, muito abatido, e tinha-se sentado num banco de

jardim não muito longe da Casa Branca, quando um miúdo veio até junto dele. O miúdo disse-lhe: “Soldado, pareces estar triste. Qual é o problema?” O soldado olhou para o miúdo e começou a partilhar a sua triste história. Ele contou ao miúdo como o seu pai e o seu irmão tinham morrido na guerra. Ele explicou que a sua mãe e a sua irmã não tinham ninguém para as ajudar na quinta.

O miúdo ouviu a história e disse: “Eu posso ajudar-te, soldado.” Ele levou o soldado pela mão, conduzindo-o de volta ao portão principal da Casa Branca. Aparentemente, o guarda não reparou neles, porque não os deteve. Eles caminharam em direção à porta da frente da Casa Branca e entraram por ela. Depois de estarem lá dentro, passaram ao lado dos generais e dos oficiais de alta patente e ninguém disse uma palavra. O soldado não conseguia perceber o que se

estava a passar. Por que razão ninguém os mandava parar?

Finalmente, chegaram à Sala Oval – onde o Presidente estava a trabalhar – e o miúdo nem sequer bateu à porta. Ele simplesmente entrou e levou o soldado consigo. Por detrás da secretária estava Abraham Lincoln e o seu Secretário de Estado, a olhar para os planos de batalha que estavam desdobrados sobre a secretária. O Presidente olhou para o soldado e depois olhou para o miúdo com um sorriso. “Boa tarde, Tad. Podes apresentar-me o teu amigo?” Tad Lincoln, o filho do Presidente dos Estados Unidos, disse: “Papá, este soldado precisa de falar contigo.”

O soldado explicou o seu caso perante o Sr. Lincoln e nesse mesmo instante recebeu a dispensa do serviço militar que tanto desejava. ✨

Retirado da revista Guide

RECICLANDO O “LIXO” GENÉTICO

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e verificaremos o que estes podem significar para a nossa fé.

Previsões Acertadas

O registo histórico de acerto das previsões em Ciência está repleto de exemplos de previsões que nunca se verificaram, mesmo as que eram bem fundamentadas, extremamente lógicas e engenhosas. Mas há casos em que previsões se tornam realidade, momentos em que a Ciência recompensa os mais perseverantes e audaciosos. Este tem sido repetidamente o caso daqueles que sempre mantiveram a sua convicção de que as descobertas da genética – que numa primeira fase pareciam contrariar princípios bíblicos, como, por exemplo, o livre arbítrio do ser humano – acabariam por se revelar consistentes com a Palavra de Deus. A postura e a filosofia desta série de artigos tem seguido esta linha.

Desde 2008,¹ temos dado conta aos leitores dos avanços que vão vindicando uma leitura fiel da Bíblia.

Por exemplo, no artigo de julho de 2011, “A genética de Deus”, demos conta aos nossos leitores de como a tese – com implicações anticiacionistas evidentes e por de-


mais popularizada – da existência do ADN Lixo² (ou *Junk DNA*) vinha sendo ameaçada por descobertas recentes. Nesse mesmo artigo prevíamos que o argumento do ADN Lixo iria ser cada vez menos utilizado para suportar teorias não criacionistas. Hoje quero dar-vos conta de desenvolvimentos muito importantes ocorridos nos últimos dois anos, que confirmam esta previsão. Mas, antes, é útil fornecer algumas informações de base.

O ADN Lixo ou *Junk DNA*

Um anúncio público, com grande projeção mediática, do sucesso dos cientistas no sequenciamento do código genético foi feito em 26 de junho de 2000, na Casa Branca, em Washington. Alguns meses

mais tarde, artigos científicos densos, descrevendo todo o processo e os resultados, foram publicados simultaneamente nas duas revistas científicas mais conceituadas do mundo: a *Nature*, na Inglaterra, e a *Science*, nos Estados Unidos. Mas o trabalho apenas foi realmente concluído em 2003. Em 2000, apenas tínhamos um primeiro esboço do que seria a sequência completa e rigorosa do código genético, desvendada três anos mais tarde. Muitos factos surpreendentes foram sendo revelados, à medida que o trabalho prosseguiu. Um deles foi a quantidade de genes humanos, que se revelou ser apenas cerca de 20 000. Muito inferior à que se estimava anteriormente, pois muitos cientistas esperavam encontrar pelo menos 100 000 genes. Outra surpresa – que é o tema deste artigo – foi a diminuta quantidade desses genes para os quais se detetou uma função: apenas 1,5% dos genes pareciam ser utilizados. Estas observações levaram à hipótese do ADN Lixo (*Junk DNA*). De acordo com esta hipóte-





se, o nosso código genético seria constituído, na sua maior parte, por componentes inúteis. A transformação desta hipótese científica em “prova indiscutível” da Evolução foi muito rápida. O argumento era o de que um Criador jamais iria desenhar um sistema com elementos inúteis em 98,5%! Logo, o ADN Lixo era considerado uma prova da Evolução. Mas, como sempre, foi precisa alguma paciência, e até fé, para se esperar alguns anos mais – neste caso, cerca de 10 anos – e se chegar à publicação das conclusões de um grande projeto científico chamado ENCODE.

Projeto ENCODE

No dia 6 de setembro de 2012, foram publicados, simultaneamente, na Revista *Nature* e noutras revistas científicas, um total de 30 artigos científicos sobre um projeto com o nome ENCODE. No mesmo dia, foi também divulgado um *site* nas páginas de Internet da revista *Nature*, dedicado inteiramente a este Projeto.³

ENCODE é, em Inglês, uma abreviatura de “Enciclopédia de Elementos do ADN”,⁴ tendo nesse idio-

ma uma conotação relacionada com a ideia de codificação de informação. Este projeto pretendia entender qual a utilidade de cada um dos genes que tinham sido sequenciados anos antes, pois existiam indicações de que o conceito do ADN Lixo não era sólido. A publicação destas conclusões foi considerada “o evento mais significativo na investigação científica da genética, desde o anúncio do sequenciamento do código genético” no ano 2000, mais de uma década antes.

Estes artigos científicos pretendiam dar conta ao mundo das primeiras conclusões de um projeto que foi iniciado logo em 2003, na sequência das revelações inesperadas, e já mencionadas, do projeto de sequenciamento do genoma humano. Até 2007, foi realizado um projeto piloto, em que foi es-

tudado 1% do código genético e, depois, até 2012, foram desenvolvidas pesquisas mais abrangentes e exaustivas. De acordo com este estudo, que durou mais de 10 anos e em que colaboraram 32 centros de

pesquisa internacionais e mais de 400 cientistas, a hipótese do ADN Lixo, que para muitos levantava problemas aos criacionistas, não tem fundamento científico. Podemos aqui citar parte do resumo do artigo principal: “O genoma humano codifica as instruções da vida, mas a função da vasta maioria dos seus quase três mil milhões de elementos é desconhecida. [...] O Projeto ENCODE, mapeando sistematicamente o genoma [...] permitiu atribuir funções bioquímicas a 80% do genoma.”⁵ Ou seja, em lugar de 98,5% do genoma ser algo inútil – o que deveria, desde o início, ter gerado suspeitas em relação a esta teoria –, na verdade, ficámos a saber que encontramos função para, pelo menos, 80% do genoma. Além disso, as funções que foram descobertas desvendam uma realidade muito mais interessante do que as iniciais hipóteses mais fantasiosas. Continuando a citar da mesma fonte: “Muitos dos mecanismos descobertos estão fisicamente associados uns com os outros e com a expressão dos genes, fornecendo novos vislumbres sobre os mecanismos de regulação genética. [...] No geral, o projeto fornece elementos novos sobre a



organização e regulação dos nossos genes e genoma e é um recurso poderoso que fornece anotações sobre o funcionamento da genética que apoiarão a investigação biomédica.”

Por outras palavras, o que foi descoberto é que, mais importante do que a sequência dos genes, o que importa é a relação entre eles, a forma como interagem para ligar ou desligar os mecanismos genéticos – que fazem os seres vivos funcionar da forma maravilhosa que conhecemos. Isto eleva tremendamente o nível de complexidade e de possibilidades de funcionamento, devido à lógica combinatória que se descobriu.

Nós Já Sabíamos

Ao contrário dos mitos comuns em relação à Ciência, as descobertas científicas raramente acontecem subitamente. É muito raro que uma única descoberta, de um momento para o outro, seja suficiente para provocar a derrocada de uma teoria anterior. O que acontece frequentemente é que as descobertas se vão acumulando e, gradualmente, minam alguma teoria existente, de tal forma que, a partir de um certo momento, um grande número de cientistas aceita essas evidências e muda o seu paradigma. O projeto ENCODE é mais um bom exemplo dessa dinâmica. A hipótese vigente do ADN Lixo, construída mais com bases ideológicas do que sobre observações científicas frias e imparciais, foi sendo questionada pouco a pouco, até que deixou de ter sustentação.

Apesar do facto de a literatura criacionista, infelizmente, não ter o rigor das melhores publicações científicas – uma vez que é essencialmente literatura de divulgação e os recursos de que dispõe são muito limitados –, verificamos

que vários autores criacionistas já se tinham apercebido desta realidade e tinham publicado trabalhos relacionados.

Um exemplo é o livro de Jonathan Wells, com o título *O Mito do ADN Lixo*,⁶ que foi publicado ainda em 2011, antes das conclusões do projeto ENCODE terem sido publicadas.

Questionando Sempre

Mas, apesar de todos estes êxitos, ainda há cientistas que se recusam a aceitar estas conclusões. Alguns fazem-no com atitudes deploráveis e usando métodos muito questionáveis, que nem são dignos de ser mencionados nesta publicação.⁷ É o caso, por exemplo, do cientista Dan Graur. Ele afirma criticamente que os cerca de 288 milhões de dólares investidos no Projeto ENCODE poderiam ter sido utilizados noutros esforços científicos mais relevantes. Contudo, independentemente dos métodos menos corretos de um cientista em particular, temos de olhar para as evidências científicas, pois essas constituem a verdadeira essência do método científico e não queremos cometer os mesmos erros que os nossos opositores, deixando-nos guiar pela intuição ou pelas nossas convicções *a priori*.

A verdade é que há, realmente, um paradoxo em relação a este tema que ainda não conseguimos resolver e que a hipótese do ADN Lixo aparentemente resolveria. Esse paradoxo tem que ver com o tamanho da sequência genética em espécies diferentes.

Ainda não temos uma resposta para o facto de a quantidade de genes e mesmo o tamanho da sequência genética entre espécies não parecerem seguir uma lógica

coerente de aumento do tamanho com o aumento da complexidade do organismo a que essa sequência pertence.

Mais investigação é necessária.

Últimas notícias

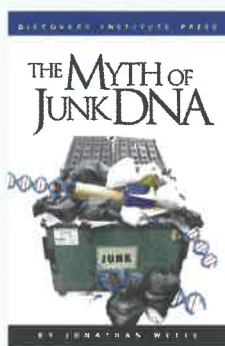
Esta mesma semana em que vos escrevo, no primeiro dia de maio de 2014, acaba de ser publicada a conclusão de mais um estudo. Desta vez não sobre o genoma humano, mas de um derivado do projeto ENCODE, dedicado ao que

se chama “organismos-modelo” – o projeto modENCODE. Neste caso foram publicadas as conclusões do estudo do genoma de um tipo de mosca, muito utilizada para investigação em laboratórios – a mosca-da-fruta.⁸

O estudo conclui que “o genoma da mosca da fruta é muito mais complexo do que suspeitávamos e sugere que o mesmo se aplica aos genomas de organismos mais complexos”.⁹ Estou convencido de que, tal como a Palavra de Deus nos informa, há muito mais para descobrir do que o que já sabemos. “Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam” (I Coríntios 2:9).

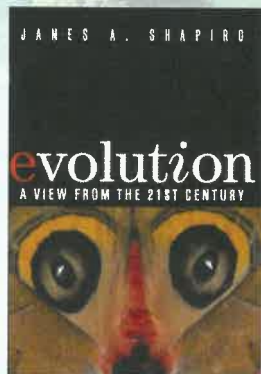
Conclusão

Como vimos, muito antes de ser aceite pela comunidade científica em geral, a comunidade científica criacionista já denunciava a hipótese do ADN Lixo como sendo uma hipótese sem fundamento. Se procurarmos bem, encontraremos também na própria literatura científica exemplos de cientistas que já trabalhavam com um paradigma diferente há algum tempo. Um dos livros mais extraordinários que te-





no encontrado é um bom exemplo desta realidade. Trata-se do livro *Evolução: Uma perspectiva para o Século XXI*.¹⁰ Este livro, que foi publicado em junho de 2011, documenta em detalhe aquilo que o projeto ENCODE complementou depois, provando assim que o conhecimento está disponível na comunidade científica muito antes de ser reconhecido como tal. Isto é muito encorajador e leva-nos a considerar o mais possível a utilização de métodos científicos para temas científicos, em lugar de tentar levar a discussão para outras áreas em que as nossas posições ficam fragilizadas. Em resumo, conclusões precipitadas em relação a temas complexos, especialmente quando são motivadas por uma ideologia, sempre nos conduzirão para caminhos incertos, tanto a criacionistas como a evolucionistas.



Porém, penso que estes são bons tempos para se ser criacionista. Não temos todas as respostas, mas temos amplas evidências de que a nossa visão do mundo não está tão longe do que a Ciência tem desvendado como, porventura, em décadas ou séculos anteriores parecia. O progresso da Ciência tem permitido revelar aspectos incríveis da Criação, insuspeitos até há apenas alguns anos. Descobrimos mecanismos que são não apenas mais incríveis do que imaginamos, mas mais incríveis do que poderíamos imaginar.

Todos eles continuam a apontar para um Criador maravilhoso. Que privilégio poder penetrar nos Seus segredos e encontrar cada vez mais maravilhas do Seu poder.

Que possamos manter-nos neste caminho, com mente aberta, respeito por todas as ideias baseadas em evidências e espírito de

reverência para com o Senhor do Universo, que ainda tem muitas mais maravilhas para nos revelar. ♣

• **Miguel Mateus**

*Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrónica
Mestre em Investigação
Operacional
Grau de MBA*

1. O primeiro artigo foi publicado em outubro de 2008, com o título "A verdadeira e única Ciência".
2. Recordamos que ADN (ou DNA, em Inglês) é a abreviatura de "Ácido Desoxirribonucleico", que é o elemento bioquímico que compõe o nosso código genético. A designação de Lixo – *Junk* em Inglês – é usada para traduzir o facto de, aparentemente, uma grande parte do ADN não ser utilizada nos processos da vida.
3. <http://www.nature.com/encode/>.
4. The ENCYclopedia Of DNA Elements.
5. "An Integrated Encyclopedia of DNA Elements in The Human Genome", *Nature*, 6 de setembro de 2012, vol. 489. Em português, o título deste artigo é "Uma enciclopédia integrada de elementos de ADN do genoma humano".
6. Jonathan Wells, *The Myth of Junk DNA*, Discovery Institute Press, maio de 2011.
7. Ver artigo em http://www.evolutionnews.org/2014/04/dan_graur_the_v084181.html.
8. Conhecida como mosca-da-fruta, o seu nome científico é *Drosophila melanogaster*.
9. <http://news.indiana.edu/releases/jiu/2014/03/drosophila-transcriptome-diversity-uncovered.shtml>.
10. James Shapiro, *Evolution: A View from the 21st Century*, FT Press, junho de 2011.

Deus fez algo espantoso

UMA ESTRATÉGIA DE CRESCIMENTO DE IGREJA QUE FUNCIONOU

Eu era um jovem pastor que frequentava pela primeira vez uma reunião ministerial. Um membro da administração da Associação colocou-se perante nós e disse: “Agora temos um programa que vai terminar a nossa obra.” Fiquei tão empolgado. Eu queria que a obra fosse terminada, de modo a que pudéssemos ir para o nosso lar no Céu. Dois anos depois, ele postou-se de novo diante de nós e disse: “Agora temos um programa que vai terminar a nossa obra.” Fiquei de novo empolgado. Eu queria que Jesus voltasse depressa. Bem, ainda aqui estamos. Dois anos depois, um outro líder apresentou-se diante de nós e disse: “AGORA temos um programa que vai terminar a nossa obra!” Eu não prestei qualquer atenção. Eu sabia que nenhum destes programas iriam fazer fosse o que fosse. Os programas evangelísticos e as técnicas de crescimento de Igreja são ótimos. O único problema é que não funcionam sem o poder de Deus.

Todos nós ansiamos ver Deus operar em nós e através de nós de modo poderoso. Sonhamos com uma comunidade de fé dotada de um culto de adoração vibrante, evangelizando o mundo com amor e poder, triunfante com o Espírito. Mas, em vez disso, o que vemos são congregações estagnadas ou em declínio, constituídas por pessoas que estão entusiasmadas com a mundanidade e apáticas em relação à sua fé.

James Rutz enumera os dez problemas mais importantes que a Igreja enfrenta: apatia, superficialidade, mundanidade, falta de

generosidade, esgotamento do pastor, abandono por parte dos adolescentes, medo do evangelismo, autodisciplina frouxa, horários alargados (sem quaisquer resultados) e uma falta crónica de membros fortes e comprometidos. A este estado de coisas ele chama “o estado da Igreja hoje”.¹

Mas qual era o estado da Igreja do Novo Testamento? Era uma comunidade de crentes capacitada pelo Espírito Santo que estava a virar o mundo do avesso com a sua mensagem e com a sua vida. Este método espalhou-se como um fogo descontrolado através das várias

culturas, ultrapassando os obstáculos do paganismo, da perseguição e do farisaísmo. Ele era poderoso!

A. W. Tozer escreveu: “Se o Espírito Santo fosse retirado da Igreja hoje, 95% do que fazemos continuaria a ser feito e ninguém se aperceberia da diferença. Se o Espírito Santo tivesse sido retirado da Igreja do Novo Testamento, 95% do que eles faziam pararia e todos se aperceberiam da diferença.”² Hoje, mais do que tudo, precisamos do Espírito Santo!

Não pela força

Quando confiamos de mais no esforço humano, confiamos de menos no poder divino. Pensamos que, se tivéssemos um pastor para os jovens, um melhor pregador, um melhor coro, uma melhor escola ou um melhor edifício, então a nossa Igreja iria ser bem-sucedida. Todas estas coisas são boas, mas não são a cura para as nossas igrejas doentes. Depois de termos frequentado todos os seminários, depois de termos tentado todas as estratégias, depois de termos realizado todas as tarefas, encontramos-nos no mesmo lugar – só que muito mais cansados.

As Escrituras dão-nos uma santa prescrição. “Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, dizendo: Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos” (Zacarias 4:6). A palavra “força” significa aqui cada criação humana que se possa conceber.³ Nós pensamos que a obra de Deus vai ser terminada pelo que fazemos, através de programas que desenvolvemos, através de recursos que encontramos e através de talentos que exibimos. Errado! Estas não são as coisas com signifi-

cado eterno. O que realmente funciona é o Espírito do Senhor Deus Todo-Poderoso. Nós não precisamos de mais fórmulas, precisamos de mais *força espiritual*. Nós não precisamos de mais planos, precisamos de mais *poder*. Nós não precisamos de mais estratégias, precisamos de mais *Espírito*.

Ministério simples

No centro do nosso problema está a desconexão: falta-nos a conexão vital com a Videira. Sem Jesus, não há vida. Ele diz-nos: “Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer” (João 15:4 e 5).

Há algum tempo havia uma igreja que tinha 80 membros. Um dia, os membros da igreja reuniram-se movidos por uma grande ideia. Eles decidiram construir uma igreja que comportasse 600 pessoas. Passados alguns anos, a igreja cresceu para cerca de 100 membros e eles começaram a sua igreja de sonho. Mas, à medida que a construção e o planeamento prosseguiram, começou a haver disputas, a assistência baixou para cerca de 40 pessoas e ficou assim durante um ano.

Foi então que eu cheguei para ser o seu pastor. Eu estava entusiasmado com o desafio porque estava a trabalhar no meu doutoramento em liderança e crescimento de Igreja. Eu usei todas as coisas que tinha aprendido, implementando estratégias, planos e programas. Após três anos e meio de trabalho esforçado e de semanas de trabalho com 60 a 80 horas, algo pouco usual aconteceu. O número de membros que frequentava a

igreja desceu para 30. Eu tinha-me tornado num especialista em declínio de igrejas.

Eu gastei aqueles três anos e meio a desenvolver um ministério desconectado da Fonte de Vida, separado da Videira. Eu tinha esquecido o ingrediente mais importante do crescimento saudável da Igreja: O poder de Deus. É Deus que faz crescer a Sua Igreja; nós devemos depender d'Ele.

“A primeira lição que deve ser ensinada aos obreiros nas nossas instituições é a lição da dependência de Deus. Antes que eles possam obter sucesso em qualquer ramo da obra, eles devem, cada um por si, aceitar a verdade contida nas palavras de Cristo: 'Sem mim, nada podeis fazer'.”⁴ Ellen White chama a isto a primeira lição; eu aprendi-a no fim, pois acho naturalmente mais fácil implementar planos ou estratégias do que render o meu coração, os meus planos e as minhas ideias à vontade de Deus.

O futuro fantástico

Jesus disse aos Seus seguidores: “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra” (Atos 1:8). Eles esperaram, oraram e receberam poder quando o Espírito Santo veio sobre eles. Eles saíram para evangelizar o mundo com o Evangelho. Como um só, eles dedicaram-se à oração (v. 14). A oração pode fazer o que nenhum poder sobre a Terra pode.

A comunicação com Deus é essencial. A confiança própria apenas encherá os anos com um ministério frustrado. A nossa Igreja precisa de ser novamente ligada na real Fonte de poder através da oração. A ligação com Deus dá à Igreja um futuro fantástico; todas as coisas são possíveis com Deus.

A oração é o caminho a seguir para o reavivamento, para o poder e para o crescimento.

Os meios da renovação

“E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus e perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra” (II Crônicas 7:14). Esta é a essência da renovação; esta é a promessa de Deus para nós hoje.

Considere os cinco pontos essenciais para a renovação apresentados neste texto. (1) Nós pertencemos a Deus e somos o Seu povo. (2) Nós chamamo-nos pelo Seu nome. (3) Nós humilhamo-nos. (4) Nós oramos e buscamos-O. (5) Nós arrependemo-nos dos nossos pecados. Então Deus ouvirá o nosso clamor, responderá às nossas orações e nos renovará. Isto não é um programa que possamos adquirir, é uma relação orgânica com Deus. Isto não é uma estratégia, mas um compromisso com o Senhor Jesus Cristo.

Ellen White disse: “Um reavivamento da verdadeira piedade é a maior e mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo deve ser a nossa primeira tarefa. (...). Mas cabe-nos, pela confissão, humilhação, arrependimento e fervorosa oração preencher as condições com base nas quais Deus prometeu nos dar a Sua bênção. Um reavivamento pode ser esperado apenas em resposta à oração.”⁵ A renovação acontece quando as pessoas levam Deus a sério e gastam tempo considerável buscando-O. “Podemos ter a certeza disto: o segredo de todo o fracasso é o nosso fracasso na oração secreta.”⁶

Do desespero à esperança

Depois de a minha igreja ter declinado de 40 para 30 presen-

ças no Sábado, decidi deixar o ministério e voltar à engenharia. Eu pensei: *Terei mais dinheiro, terei os fins de semana livres e não terei de lidar com pessoas difíceis.* Quando acabei de datilografar a minha carta de demissão, a campainha da porta tocou. Enquanto fui abrir a porta, a minha mulher descobriu a carta. Mais tarde ela perguntou-me por que razão eu queria deixar o ministério pastoral. “É simples. Eu calculei que, se a tendência atual continua, dentro de três anos e meio apenas tu e eu restaremos na igreja. Eu quero uma saída honrosa.” A minha mulher olhou para mim e disse: “Tens orado pela tua igreja?” Eu achei que esta observação era um pouco condenatória e algo áspera. Comecei a defender-me, mas rapidamente tinha perdido a discussão porque, bem dentro de mim, eu tinha de admitir que estava mais dedicado ao planeamento estratégico e à programação do que à oração e à espiritualidade.

Com o seu encorajamento, decidi passar um dia por semana em oração e em jejum. Eu devia comer a minha última refeição no domingo à noite e ir para a igreja para passar toda a segunda-feira em oração. Na primeira segunda-feira fui para a igreja e ajoelhei-me em frente de uma fileira de bancos para orar pela família que se senta ali. Após dois minutos de oração, eu adormeci e dormi durante oito horas. Normalmente, eu nunca durmo de dia, mas a minha tentativa de passar o dia em oração mudou isso.

O meu maior desafio nesse dia foi saber o que dizer à minha mulher quando cheguei a casa. Ela perguntou como tinha corrido, e eu murmurei algo do tipo “ótimo!”, e, no meu coração, acrescentei: “Durante os dois minutos em que aquilo durou.” Mas, com

o encorajamento dela, eu continuei. Na semana seguinte passei três minutos em oração e na semana seguinte quatro e, depois, voltei aos dois minutos. Depois fiz a maior descoberta espiritual da minha vida: O maior desafio à minha espiritualidade sou eu, não a Internet, a rádio, a televisão ou o desporto. Eu. Eu não estou construído para fazer isto. Dê-me um programa, uma estratégia ou algo para fazer, e eu faço-o. A espiritualidade tem a ver com uma vida submissa e com uma ligação a Deus que é contrária à minha natureza.

A minha mulher continuou a encorajar-me e eu continuei no meu compromisso. Eu disse: “Eu vou fazê-lo e continuarei a fazê-lo, mesmo que isso me mate.” Felizmente, não me matou. À medida que foi passando o tempo, as coisas começaram a mudar na minha vida. Durante oito meses eu continuei este esforço de oração e as primeiras semanas de determinação e de luta depois transformaram-se em alegria e paz. No meu recém-descoberto entusiasmo, comecei a procurar novos modos de incorporar a oração na minha vida e passei a praticar uma hora de oração caminhada todos os dias. Comecei a ficar cheio de esperança e de otimismo. Passou a haver mais eficácia na minha pregação e no meu ministério. O meu ministério já não era meu, era de Deus. A disciplina da oração estava a transformar-me.

Então, num certo Sábado, estava a pregar e do púlpito vi os habituais 30 membros – mais quatro pessoas: um marido, uma esposa e duas filhas pequenas. Pensei: Eles devem ser oriundos de outra cidade, nós nunca temos visitas. Eu não considerei que eles pudessem ser pessoas em busca de uma experiência espiritual – nessa época



a nossa igreja era tão deprimente que eu não a teria frequentado, se não fosse o pastor.

Eu saudei-os à porta e perguntei se eles estavam de visita à cidade. Eles responderam que viviam do outro lado da rua. Eu perguntei-lhes como eles tinham decidido vir a esta igreja. O marido disse-me: “Eu estava a pescar no Alasca e o meu patrão era um ex-Adventista. Todas as noites ele reunia a tripulação e falava acerca da sua filosofia de vida. Um dia ele disse-nos: ‘Se alguma vez forem à igreja, experimentem a Igreja Adventista.’ Quando eu cheguei a casa, a minha mulher disse-me: ‘Sinto que, como família, devíamos levar Deus mais a sério.’” Eles viram a igreja Adventista do outro lado da rua e decidiram experimentar.

Eles tinham verdadeira “fome” de Deus. Eu estudei a Bíblia com eles duas vezes por semana e eles foram batizados dois meses depois. Quando os batizei, dediquei-lhes o sermão e, ao partilhar a sua história, partilhei também a minha. Eu disse à minha congregação como me debatera com a oração e como costumava vir para a igreja orar por eles. Eu disse-lhes como tinha orado para que Deus me enviasse alguém para eu batizar. E então eu disse: “O Deus do Universo estava a ouvir as orações de um

pastor desencorajado, perdido no meio de nada, e Ele deu-me este casal.”

Logo que disse isto, um homem idoso de 69 anos levantou-se e veio à frente, a chorar. Diante de todos, ele disse: “Eu tenho quatro filhos adultos e todos eles estão longe do Senhor. Se Deus ouviu as orações do pastor Joe e lhe deu esta família, Ele irá ouvir a minha oração e dar-me-á os meus filhos e as suas famílias. Vou orar dia e noite por eles. Querem orar por eles e por mim? Para me responsabilizarem e para me lembrarem de que Deus ouve as orações?” Quando ele terminou o seu testemunho, uma mulher do outro lado da igreja veio à frente e partilhou um testemunho semelhante.

Naquela manhã de Sábado, mais de dez pessoas testemunharam. Isto deu início a um movimento de oração. As pessoas começaram a orar antes, durante e depois de irem à igreja, durante a semana e nos fins de semana. Elas oraram individualmente e em grupos, elas oraram fervorosamente e com paixão. Oito anos depois, aquela igreja tinha crescido de 30 pessoas derrotadas para 500 seguidores devotados de Jesus. Ela cresceu de 30 pessoas sem um propósito para 500 pessoas que viraram a sua cidade de pernas para o ar. Deus fez algo espantoso. Todas as estraté-

gias de crescimento que eu implementara não funcionaram, mas a oração transformou a nossa vida e a nossa igreja.

Nós somos pessoas ocupadas. Temos prazos a cumprir diante de nós, encontros marcados pressionam-nos de todos os lados, tarefas exigem a nossa atenção a todas as horas. Com todas estas ocupações tendemos a ignorar a única verdadeira prioridade. Ponhamos de parte as ocupações e respondamos ao sussurrado convite de Deus para entrarmos em comunhão com Ele. Quando tentámos todas as outras técnicas, falhámos. Mas quando tentámos Deus, fomos bem-sucedidos. Deus é fiel às Suas promessas. Ele irá fazer grandes coisas por nós, se nos rendermos a Ele. Deus quer repetir esta história de sucesso vez após vez – começando consigo! ✦

• **S. Joseph Kidder**

Professor de Ministério Cristão

1. James H. Rutz, *The Open Church: How to Bring Back the Exciting Life of the First Century*, Auburn, ME: SeedSowers, 1992, p. 2.
2. A. W. Tozer, “Reflections”, *Christianity Today* 29, 13 de dezembro de 1985, p. 46.
3. Carl Webber in *Theological Wordbook of the Old Testament*, eds. R. Laird Harris, Gleason L. Archer and Bruce K. Waltke, Chicago, IL: Moody Bible Institute, 1981, pp. 171 e 172.
4. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 7, Mountain View, CA: Pacific Press, 1948, p. 194.
5. Ellen G. White, *Selected Messages*, vol. 1, Washington, DC: Review and Herald, 1958, p. 121.
6. Cristão desconhecido, *The Kneeling Christian*, Scott Valley, CA: CreateSpace, 2009, p. 3.

Através do fogo

No século dezasseis, os conquistadores espanhóis enviaram relatos entusiásticos ao rei de Espanha descrevendo a beleza incrível e a espantosa riqueza do Peru, o país onde eu nasci. O que os conquistadores viram deixou-os sem fala. Eles viram, maravilhados, o templo do Sol, que estava coberto com enormes placas de ouro. Os raios dourados do Sol eram profusamente refletidos por pedras preciosas. Quando o Sol se erguia no oriente, o brilho do reflexo dos seus raios nas placas de ouro cegava temporariamente os olhos dos observadores. Eles viram florestas inteiras, imagens de pessoas e de lamas, em tamanho real, tudo feito de ouro. Nos ramos das árvores de ouro eles viram aves, frutos, flores e borboletas feitos de ouro, prata e pedras preciosas.

Quatro séculos depois

Mas, mais de 400 anos depois, pouco resta deste esplendor. O Peru tem sido devastado pela doen-

ça, pela violência e pela guerra de guerrilha, que se tornaram notícia em todo o mundo. No entanto, apesar das circunstâncias trágicas que se abateram sobre a minha terra, o Peru está a recuperar e a Igreja Adventista do Sétimo Dia está a progredir como nunca antes.

Dos muitos relatos sobre a providência de Deus na América do Sul, um episódio destaca-se como tendo tido uma das maiores influências sobre a minha experiência enquanto cristã. É a história de como Deus impôs a Sua vontade no norte do Peru.

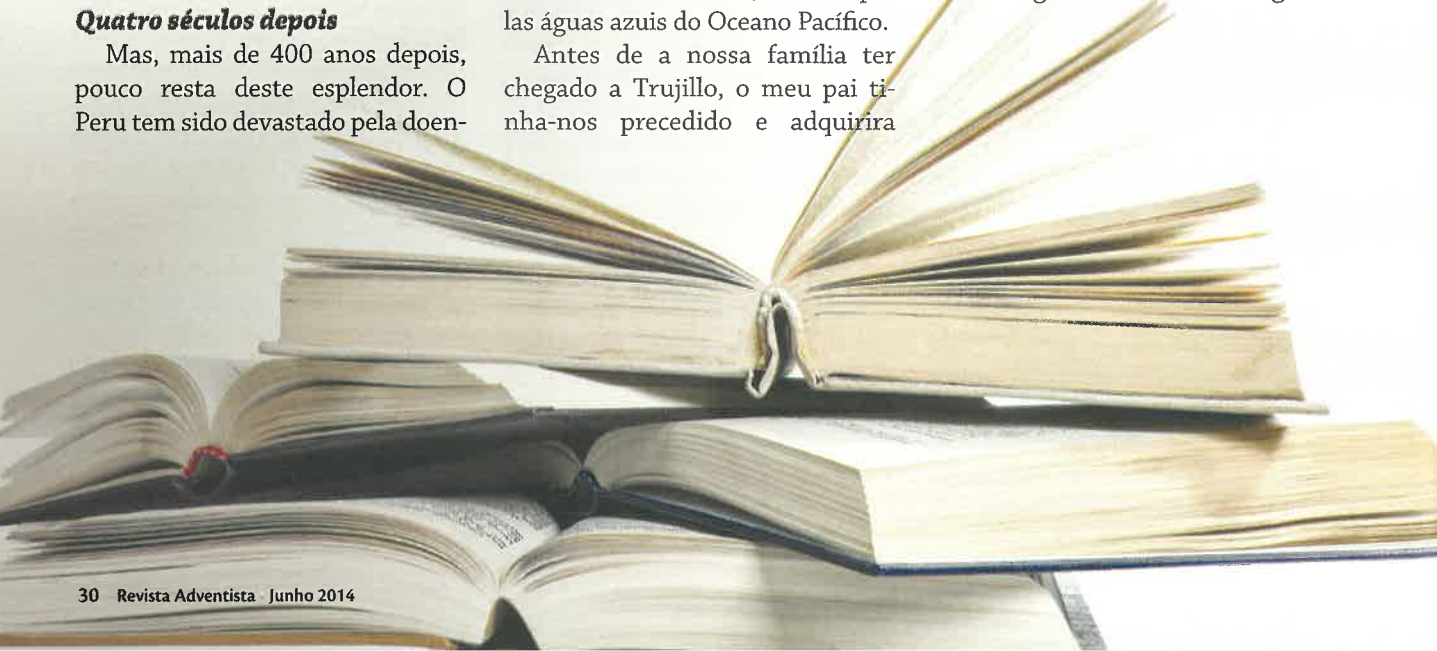
O meu pai, Agustín Alva, teve a distinção de ser não apenas o primeiro graduado da escola Adventista do Sétimo Dia no Peru, mas também o primeiro pastor ordenado da nação. Ele foi chamado para iniciar a obra em Trujillo, uma bela cidade no sopé das majestosas montanhas dos Andes, rodeada pelas águas azuis do Oceano Pacífico.

Antes de a nossa família ter chegado a Trujillo, o meu pai tinha-nos precedido e adquirira

uma casa de dois andares, grande e muito antiga. A casa incluía um imenso pátio, no qual ele planeava construir uma igreja e uma escola.

Durante vários meses, todas as reuniões da igreja foram realizadas na sala de estar do nosso lar. Cada Sábado era preenchido com as várias atividades da igreja. Uma reunião dos Dinamizadores da Escola Sabatina abria o dia às oito da manhã. Às nove horas realizava-se a Escola Sabatina, seguida, às dez horas, pela hora missionária. O serviço de culto começava às onze horas. Distribuíamos literatura às três da tarde e às cinco da tarde a reunião dos Missionários Voluntários era combinada com o culto do pôr do Sol.

O resto da semana também estava cheio de reuniões da igreja no nosso lar. Ao domingo à noite havia um programa cultural para os membros da igreja e para os seus amigos. Nas noites de segun-



da-feira, terça-feira e quinta-feira o meu pai dirigia uma escola noturna para os membros que não tinham frequentado a escola primária. A reunião de oração era regularmente realizada na quarta-feira à noite. Na sexta-feira à noite nós tínhamos um serviço de testemunhos e de consagração.

Como pode ver, a família Alva mantinha-se ocupada com todas as atividades realizadas no Sábado e nos restantes dias da semana. Mas nós gostávamos de que fosse assim e sentíamos que era um privilégio realizar as reuniões na nossa sala de estar, até que se pudesse construir uma igreja.

Uma estranha procura de literatura da Igreja

Pouco tempo depois de termos chegado a Trujillo, alguns adolescentes bateram à nossa porta. Para nossa grande surpresa, eles disseram que queriam comprar quaisquer publicações Adventistas que nos tivéssemos. À medida que os dias foram passando, notámos que cada vez mais pessoas vinham comprar a literatura da nossa Igreja. É escusado dizer que ficámos encantados, pois não apenas os jovens vinham até à nossa porta, como, em breve, também os pais, os avós e até as crianças pequenas estavam a pedir para comprar a nossa literatura.

Quando todas as publicações da Igreja que tínhamos se esgotaram, o meu pai contactou o escritório da Associação em Lima e pediu que fossem enviados mais materiais. Estávamos tão empolgados quando as caixas chegaram! Agradecemos ao Senhor pelo tremendo sucesso que estávamos a ter na venda das publicações da Igreja a partir do nosso lar.

Uma manhã, uma querida tia, a quem chamávamos Tia Rosa, veio visitar-nos. Ela era muito simpática e muito Católica. Ela parecia



estar um pouco nervosa e, após os cumprimentos usuais, disse numa voz séria: “Estão a vender publicações Adventistas às pessoas de Trujillo?” “Claro que sim”, responderam os meus pais. “Sabem por que razão estas pessoas estão a comprar as revistas da Igreja?”, perguntou a Tia Rosa. “Bem, é porque elas estão interessadas nas crenças dos Adventistas do Sétimo Dia!” “Nada disso”, respondeu a Tia Rosa. “Não leem os jornais? Não ouvem a Rádio? Não sabem o que se passa?” O meu pai respondeu: “Bem, na verdade temos estado tão ocupados com as atividades da igreja que não temos tido tempo para ler as notícias ou ouvir a Rádio.” A minha querida tia Católica, segurando a cabeça com uma expressão de descrença nervosa, continuou: “Não sabem que se está a realizar na cidade um congresso eucarístico, com representantes do Vaticano e com outros dignitários da Igreja Católica?” Com uma ênfase especial, ela acrescentou: “Esta é a última semana do congresso, e, no próximo domingo, às três horas da tarde, eles vão encerrar o congresso dando grandes somas de dinheiro a quem tiver

trazido o maior número de publicações Adventistas. E isto não é tudo. No fim do programa eles vão fazer uma enorme fogueira e toda a literatura Adventista reunida será publicamente destruída.”

Continua a venda

Os meus pais ficaram atordoados e sem fala. Finalmente, a minha mãe disse, de modo suave e razoável: “Bem, se eles estão a comprar as nossas publicações para as queimar, talvez não as devêssemos continuar a vender.” Após alguns momentos de deliberação, o meu pai disse, com a sua determinação usual: “Não, vamos continuar a vender os nossos livros e as nossas revistas, pois sabemos que o Senhor estará conosco.” A Tia Rosa foi-se embora, lançando as mãos ao ar, exasperada.

A venda dos materiais aumentou e também cresceu o montante na tesouraria da igreja. Durante a semana que faltava para acabar o congresso, multidões de pessoas de todas as idades batiam freneticamente à nossa porta. Elas vinham desde manhã cedo até a noite cair, tendo comprado todos os livros, todas as revistas e todos os folhetos que nós tínhamos.



Apelando ao Senhor

No Sábado de manhã, o meu pai transmitiu as perturbadoras notícias aos membros da igreja. “As nossas publicações vão ser queimadas”, disse ele. “A nossa Igreja vai ser ridicularizada e Deus será aviltado.” Depois, ele continuou: “Meus amigos, isto não está certo. Há apenas um modo de triunfamos, e esse modo é através do jejum e da oração. Não conheço outro modo.” Todos responderam com um fervoroso “Amém!”.

Imediatamente a congregação se dividiu em pequenos grupos para a oração. A cada hora e a cada minuto do dia e da noite alguém estava a enviar uma petição à sala do trono celeste, pedindo auxílio. As portas da nossa casa nunca se fecharam e os membros da igreja vieram a todas as horas daquela longa noite de Sábado e até às horas da manhã seguinte para se juntarem a nós em oração. Quando olhámos para o exterior e vimos o belo nascer do Sol que despontava sobre a cidade, soubemos que a hora do grande evento se aproximava rapidamente.

O fogo

Finalmente, às três horas da tarde, ligámos o nosso velho rádio para ouvirmos a transmissão do programa de encerramento do congresso eucarístico. O programa parecia estar a decorrer bem. Milhares tinham-se congregado frente à catedral para o grande acontecimento. Depois, ouvimos a voz vibrante do Monsenhor da cidade de Trujillo, que estava a estender as boas-vindas aos membros da sua paróquia. Ele inspirou profundamente e anunciou: “Agora vamos

queimar todas as publicações dos heréticos, porque, como sabem, os Adventistas do Sétimo D...”, e ele deteve-se exatamente aqui.

Nós não soubemos qual era o problema. Inicialmente pensámos que a culpa era do nosso rádio antiquado, pelo que o abanámos e esmurrámos. Mas sem qualquer efeito. Após um silêncio estranho, ouvimos que estava a ser transmitida música popular, mas não se ouviu mais nenhuma palavra sobre o congresso eucarístico. Ficámos em suspense. O que tinha acontecido? O que se passava?

Minutos mais tarde, alguns dos jovens que tinham ido até à praça para assistir à cerimónia do congresso eucarístico vieram a correr até à nossa casa. Sem fôlego, eles anunciaram: “Sabem o que se passou? Sabem o que se passou?” É claro que nós não sabíamos. Pelo que eles nos disseram: “O Monsenhor nem conseguiu acabar a sua frase. Ele desmaiou e caiu no chão. A ambulância levou-o para o hospital. Foi declarado morto ao chegar lá.”

Os dignitários ficaram na Catedral, abalados, assustados e aterrorizados. Ninguém se atreveu a riscar um fósforo e a queimar as publicações Adventistas. As pessoas na praça, inicialmente de modo lento e hesitante, aproximaram-se da pilha de publicações e tiraram alguns exemplares das nossas revistas. Então, outros começaram a aproximar-se, mais confiantes, e em breve nada restou de todos aqueles livros, revistas e folhetos que tinham sido empilhados para serem queimados. As pessoas queriam saber o que estava escrito naquelas publicações que estavam

destinadas a serem queimadas e que, no entanto, não o foram.

Conclusão

Apenas no Céu se revelará o verdadeiro impacto daquele maravilhoso dia de livramento frente à catedral da cidade de Trujillo, no Peru. Mas fico feliz em poder relatar que Trujillo hoje tem mais de 80 igrejas Adventistas do Sétimo Dia! Há algum tempo foi realizado um congresso de juventude na cidade e 5000 jovens vindos das igrejas da área estiveram presentes para o evento!

A combustão que tememos, as chamas que nos assustam, muitas vezes não merecem o nosso temor. Vez após vez Deus realizou a Sua promessa de livrar os Seus filhos de qualquer ameaça que o inimigo faça, incluindo as chamas acesas: “Quando passares pelo fogo”, garante Ele, “não te queimarás” (Isaías 43:2).

Nós não sabemos, ao contrário d'Ele, quando e como Ele manifestará o Seu poder. Mas possuímos o conhecimento que os três jovens hebreus possuíam. Eles sabiam, por um lado, que podiam sempre conceder a Deus a liberdade de decidir quando fazer o quê. Eles também sabiam que podiam sempre, e em todas as ocasiões, contar com a infinitude do Seu poder para confundir fosse o que fosse que Nabucodonosor pudesse planear e propôr (Daniel 3:16-18).

Sim, o nosso Deus é poderoso. Sim, Ele intervém. Sim, Ele fá-lo do modo que, na Sua providência, julga melhor. Mas salvar o Seu povo – e os Seus livros – das chamas não é tudo o que Ele pode fazer. Por vezes, Ele faz mais do que isso, espantosamente mais. Pois Ele mesmo é um fogo consumidor (Deuteronomio 4:24; Hebreus 12:29)! #

• **Luz Alva Arauzo**
Professora universitária

Se na família está Jesus... é feliz o lar!

Ao lermos o título deste artigo, surge naturalmente na nossa mente a melodia que dá vida a esta frase. Melodia tão bem conhecida e tantas vezes entoada por nós. Talvez já tenhamos cantado este pequeno hino numa reunião de jovens, num programa especial de Sábado de manhã ou, mesmo, no culto familiar nos nossos lares.

Embora as palavras que compõem esta canção sejam muito simples e de fácil compreensão, gostaria, no entanto, de poder refletir sobre a seriedade das mesmas e sobre a mensagem extraordinária que este hino de louvor nos traz.

Cantar com entendimento

“Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com

a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente” (I Coríntios 14:15). Se é verdade que facilmente, e em qualquer lugar ou circunstância, poderemos entoar um hino, não é menos verdade que o momento musical não é, por si só, sinónimo de louvor consciente realizado através das palavras usadas nesse instante. Quantas vezes as palavras de uma

canção saem decoradas da nossa boca e quão longe pode estar o nosso pensamento da mensagem que no momento entoamos.

Por isso, o apóstolo Paulo, na sua primeira carta aos Coríntios, nos exorta a cantarmos com a mente. A estarmos atentos e a cantarmos com entendimento. Entoarmos uma melodia preenchida com palavras não deve nunca ser um gesto leviano. Somos exortados à solenidade no canto, a termos consciência do grande poder que pode ter na nossa vida um pequeno momento de louvor. “Quando tentados, em lugar de dar expressão aos nossos sentimentos, ergamos pela fé um hino de graças a Deus. O canto é uma arma que podemos empregar sempre contra o desânimo” (Ellen



White, *Evangelismo*, p. 499). Por mais pequenino ou simples que seja o hino que pretendemos entoar, o convite divino é que compreendamos e apliquemos na nossa vida aquilo que dizemos ao cantar. E, por isso, neste momento poderemos perguntar: Que mensagem encontramos nós neste lindo hino “Se na família está Jesus... é feliz o lar!”?

Se

A conjunção que dá início a este hino, “se”, enuncia de imediato a existência de condições. Na Bíblia encontramos alguns versículos onde esta conjunção evidencia fortemente o conteúdo da mensagem que se segue. Alguns exemplos: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15); “Se alguém tem ouvidos, ouça” (Apocalipse 13:9); “Se observares, Senhor, as iniquidades, quem, Senhor, subsistirá?” (Salmo 130:3); “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João 8:36).

Quando somos chamados por Deus, quando Ele nos convida a segui-’O, estão inerentes nesse convite as condições necessárias para as bênçãos subsequentes. “Se

alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me” (Lucas 9:23). Aceitar a mensagem de Jesus e o caminho que Ele nos propõe requer sacrifício, esforço, negação própria. Muitos aceitam uma profissão de fé, que apenas promova Deus como Salvador da vida. Aquele que ajuda, Aquele que socorre, Aquele que dá, Aquele que resolve, Aquele que responde. Mas, muito dificilmente permitem que Deus seja também o Senhor da vida! Aquele que exige, Aquele que disciplina, Aquele que pede, Aquele que permite a tribulação, Aquele que, por vezes, Se silencia. Há condições a serem seguidas para que, poderosamente, o Senhor Se manifeste na nossa vida, na vida da nossa família.

Na família

Independentemente do número de elementos que constituam a nossa família, todos nós ambicionamos ter no nosso lar a felicidade, a harmonia, a compreensão, o amor. Somos gratos a Deus pelos nossos pais, irmãos, tios, primos, cônjuge ou filhos, que preenchem o nosso coração com um senti-

mento de pertença. Fomos criados à imagem e à semelhança de Deus e, porque Deus é também, na Sua essência, uma família divina (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo), dentro de nós há este desejo de aconchego, de um abraço, de um lugar que possamos identificar como a nossa casa, o nosso lar. Maior valor darão a estas palavras aqueles que, por diferentes circunstâncias, vivem sozinhos. Mas a esses também Deus ampara. Mesmo que possa faltar o abraço humano, jamais faltará o terno e carinhoso abraço de Deus. “Deus faz que o solitário more em família” (Salmo 68:6). Para além da nossa família de sangue, temos a bênção de pertencer à família da Igreja. “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gálatas 6:10). E bem maior do que esta, temos a bênção de pertencer à família celestial. “Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome” (João 1:12).

A família é uma das maiores bênçãos que Deus concedeu à Humanidade. Deveria ser o nosso maior investimento, o nosso maior tesouro. Não deveríamos esquecer que não serão os bens materiais, causa de tanto suor e esforço despendidos ao longo de décadas, que, um dia, nos acompanharão até à cidade santa. As pessoas, essas sim, transporão os portões da cidade. A mais linda obra a ser realizada, a maior felicidade alguma vez alcançada, encontra-se dentro dos nossos lares. “O mais agradável símbolo do Céu é um lar presidido pelo Espírito do Senhor” (Ellen White, *O Lar Adventista*, p. 15). Usufruir, por muito ténue que seja, do vislumbre da vivência celestial é uma promessa divina que se estende a cada lar.



Está Jesus

O dia-a-dia de cada lar preenche-se naturalmente de diferentes atividades, desafios, responsabilidades e muitos afazeres. Desde o momento em que o despertador toca até que novamente caímos na cama, um número indeterminado de palavras, de gestos e de pensamentos formataram o nosso dia. E se não estivéssemos demasiado cansados ao fim de cada dia, no momento em que nos ajoelhamos junto à nossa cama para pedirmos a bênção de Deus e a Sua proteção para essa noite, poderíamos interrogar-nos: Como foi hoje o meu desempenho cristão? Como falei com o meu cônjuge? Com que espírito disciplinei os meus filhos? O que pensei da minha sogra? O que vi na televisão? Quais os comentários que fiz no Facebook? Que alimentos coloquei na minha mesa? Que conversa tive eu ao telefone? A acrescentar a todas estas questões, e a tantas outras que poderíamos fazer em retrospectiva de um dia vivido no nosso lar, uma outra questão que se imporia seria: Esteve Jesus presente?

Quando acordo pela manhã, Jesus de imediato Se faz presente no encontro pessoal que tenho com Ele? Nos momentos de diálogo da família, seja no elogio ou na admoestação, faz-Se Jesus presente no timbre da nossa voz ou na qualidade das palavras usadas? A oração que fizemos pelos alimentos que temos sobre a mesa pôde ser aceite por Deus? Os programas televisivos ou os momentos no computador a que nos dedicámos no tempo de lazer puderam ser assistidos por Jesus? Está Jesus no nosso lar?

É feliz o lar

Como referíamos em parágrafos anteriores, existem condições para que usufruamos a felicidade que Deus almeja dar a cada famí-

lia. Não há milagres sem Deus. Não há famílias felizes sem Deus. Não há harmonia, compreensão e perdão sem Jesus. “Se” Jesus está na família, “se” o Espírito de Deus habita no coração de cada membro que a compõe, “se” Jesus é o convidado principal que participa em cada atividade familiar, então, é feliz o lar!

No Hinário Adventista, no hino nº 453, lemos no refrão:

“Com amor, com amor,
Não há dor, não há pesar,
Com amor no lar.”

Confesso que sempre tive alguma dificuldade em cantar esta parte do hino. E isto porque, devido à nossa tendência pecaminosa, em algum momento causámos dor e pesar até mesmo àqueles que mais amamos. Se pudesse refazer o refrão deste hino, a ideia seria: “Pode haver dor, pode haver pesar, mas com Jesus na família, tudo podemos ultrapassar.” Famílias felizes são formadas de elementos que reconhecem a sua pecaminosidade. Famílias felizes entendem que, sem Deus, o seu coração é invejoso, ciumento, egoísta. Famílias felizes não exigem perfeição do outro porque reconhecem que também não a têm. Famílias felizes carecem de perdão mútuo. Famílias felizes investem tempo na oração e no estudo da Bíblia. Famílias felizes encontram tempo para dialogarem e para conviverem. O grande segredo das famílias felizes é a presença

amiga de Jesus e dos Seus anjos. “Um lar que tenha amor, onde o amor é expresso em palavras, olhares e ações é um lugar onde os anjos gostam de manifestar a sua presença e consagrar a cena pelos raios de luz da glória” (Ellen White, *O Lar Adventista*, p. 109).

Conclusão

“Ouvi a palavra do Senhor, ó casa de Jacob, e todas as famílias da casa de Israel” (Jeremias 2:4). Investir tempo para falar com Deus e ouvir a Sua Palavra são as condições necessárias para que alcancemos vitórias no nosso lar. A família é o bem mais precioso que Deus nos confia. É na família que verdadeiramente se revela o nosso caráter. A família é a oficina ideal onde o nosso coração pode ser moldado e esculpido à imagem e à semelhança de Jesus. “O vínculo da família é o mais íntimo, o mais terno e sagrado de todos na Terra. Foi designado a ser uma bênção à Humanidade” (Ellen White, *O Lar Adventista*, p. 18). Que Deus abençoe poderosamente as nossas famílias! Que Deus nos guarde unidos em amor e fidelidade. Que Deus nos guarde juntos para a eternidade. Que Deus nos inspire a entoarmos, em espírito de oração, o singelo e tão poderoso hino de louvor: Se na família está Jesus... é feliz o lar! ✨

• **Maria da Luz Cordeiro**

Diretora da Área Departamental
da Família da UPASD



colportagem jovem

29 de junho a 31 de julho

Integrar 1 equipa
 dinâmica

Crescer na fé

 Financiar
os estudos

Servir a
comunidade

Aceita o desafio!

21 962 62 22

DEPARTAMENTO
DOS MINISTÉRIOS
DAS PUBLICAÇÕES



publicacoes@adventistas.org.pt